

COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO - CHESF  
DIRETORIA DE ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO - DE  
SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO DA EXPANSÃO - SPE  
DEPARTAMENTO DE MEIO AMBIENTE - DMA  
DIVISÃO DE MEIO AMBIENTE DE GERAÇÃO - DEMG



**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES  
DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO  
ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

## **RELATÓRIO TÉCNICO**

**JULHO DE 2007**

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	4
1. INTRODUÇÃO .....	5
2. OBJETIVO GERAL .....	7
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	8
3. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR.....	8
4. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDIMENTO.....	9
6. CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL DOS MUNICÍPIOS ENVOLVIDOS.....	11
8. CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	19
9. QUILOMBOLAS .....	24
10. POPULAÇÕES INDÍGENAS .....	25
11. SERTANEJOS / FUNDO DE PASTO .....	26
12. METODOLOGIA .....	28
13. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES.....	29
14. ÁREA DE ABRANGÊNCIA DOS ESTUDOS.....	29
15. LEVANTAMENTO COORDENADAS GEODÉSICAS DAS COMUNIDADES ...	30
15.1. BARRA .....	32
15.2. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE BARRA - BA.....	35
15.2.1. FAZENDA SACO.....	35
15.2. BEBEDOURO .....	39
15.3. CABEÇA DA ILHA .....	42
15.4. SAQUINHO .....	45
16. ITAGUAÇU DA BAHIA .....	49
17.. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE ITAGUAÇU DA BAHIA - BA.....	49

---

<b>17.1. ALEGRE</b> .....	49
<b>17.2. BARREIROS</b> .....	52
<b>17.3. REMANSO</b> .....	56
<b>18. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE REMANSO - BA</b> .....	56
<b>18.1. PILÃO ARCADE</b> .....	57
<b>19. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE PILÃO ARCADE - BA</b> .....	57
<b>19.1. SOBRADINHO</b> .....	58
<b>20. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE INDÍGENA - MUNICÍPIO DE SOBRADINHO - BA</b> .....	58
<b>20.1. TRIBO CAMIXÁ TRUKÁ DA BAHIA</b> .....	58
<b>21. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE SOBRADINHO - BA</b> .....	70
<b>21.1. SENTO SÉ</b> .....	70
<b>22. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE SENTO SÉ - BA</b> .....	71
<b>22.1 XIQUE-XIQUE</b> .....	71
<b>23. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE XIQUE- XIQUE - BA</b> .....	71
<b>23.1. VICENTE</b> .....	71
<b>24. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>25. EQUIPE TÉCNICA:</b> .....	76
<b>26. REFERÊNCIAS</b> .....	77
<b>27. BIBLIOGRAFIA</b> .....	77

## **APRESENTAÇÃO**

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf, por intermédio da sua Divisão de Meio Ambiente de Geração, DEMG, presta ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama, o seu Relatório Final dos resultados sobre *Informações sobre a possível existência de Comunidades Remanescentes de Quilombolas e Populações Tradicionais* existentes no entorno do Reservatório da UHE Sobradinho. Estes estudos foram realizados num período de 90 dias alternados entre campanhas nos meses de janeiro a maio.

Este Programa atende a condicionante da Licença de Operação - LO N° 406/2004 e foi executado com recursos humanos e financeiros da própria Chesf.



## **AGRADECIMENTOS**

As Prefeituras dos municípios de Barra, Casa Nova, Itaguaçu da Bahia, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Xique-Xique;

As Colônias de Pescadores dos municípios de Barra, Casa Nova, Itaguaçu da Bahia, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Xique-Xique;

Aos Sindicatos Rurais de Barra, Casa Nova, Itaguaçu da Bahia, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Xique-Xique;

As Associações Agropastoris de Fundo de Pasto dos municípios de Casa Nova e Remanso.

## **1. INTRODUÇÃO**

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

Este relatório apresenta os resultados dos Estudos sobre a existência de Comunidades Tradicionais no entorno do reservatório da Usina Hidrelétrica de Sobradinho empreendimento da Companhia Hidro Elétrica de São Francisco.

A região de Sobradinho detém um grande acervo de bens patrimoniais tanto naturais como culturais e esse conjunto representa parte significativa da história das ocupações do Nordeste.

A implantação da usina reforçou o caráter desenvolvimentista imprimindo uma “modernização” pela implantação de novos núcleos urbanos. “O número de famílias reassentadas atingiu a soma de 11.853 correspondendo a um total na ordem de 70.000 pessoas”<sup>1</sup>. Apesar do impacto ambiental provocado e da tentativa de modernização pelos novos espaços criados faz-se necessário ressaltar que essas comunidades conservaram na essência, mesmo em face dos recém criados lugares e cenários, suas formas de viver, ofícios, celebrações e formas de expressão. O mesmo cotidiano manteve-se no interior das casas de fachadas renovadas; nos quintais com os animais de criação, com os jiraus, casas de farinha, fornos de cerâmica, canteiros de hortaliças e ervas medicinais e na continuada manutenção das árvores frutíferas. Apenas o exterior foi notadamente transformado pela mudança de fachadas, traçado urbano geométrico, igreja com praça principal e setorização de uso e ocupação do solo disciplinada por distribuição de áreas comerciais, residenciais e de serviços.

A convivência do moderno com o antigo com o passar dos anos diluiu saberes, celebrações, ofícios, transformou hábitos culturais, descaracterizou a ambiência urbana do passado. Dessa forma os bens patrimoniais materiais e imateriais foram perdendo suas forças e formas de expressão e com a aculturação adquirida suas memórias, sem registros, carecem de uma nova interpretação desses bens que ali resistiram às intempéries de dominação e de hibridismo cultural.

Dessa maneira ações da conservação dos bens patrimoniais se faz mister, especialmente, na reflexão dos impactos culturais pelas trocas adquiridas de heranças distintas na convivência dos novos padrões impostos pela nova realidade do local.

Aquelas comunidades tradicionais antes animadas pelo processo natural de suas existências consagradas pelo território, modos de viver e celebrar, repertório próprio de pautas culturais e com longa tradição de vizinhança se enxergam (ou se vêem) de um momento para outro convivendo com nova realidade conjuntural que minou as bases de suas tradições. No entanto são perceptíveis os graus de conservação ambiental no entorno dessas comunidades e sua saudável relação com o meio ambiente.

As Comunidades Tradicionais Quilombolas, Indígenas, Pescadores, Sertanejos e de Fundo de Pasto, sempre tiveram incorporado em seus modos de vida, sistemas de apropriação de recursos naturais de baixo impacto ambiental.

---

<sup>1</sup> CHESF – RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO/REASSENTAMENTO DE POPULAÇÕES/DADOS E INFORMAÇÕES, JUNHO – 2001.

Essas áreas territoriais ocupadas esteve há centenas de anos sob o domínio dessas comunidades que passaram suas posses de geração para geração conservando e transmitindo todo um legado cultural que ratifica aos mesmos o direito de propriedade daquelas terras. Essas comunidades vêm sendo desestruturados pela pressão das práticas de especulação fundiária e imobiliária, dos interesses agrários, madeireiros, mineradores e grileiros. Some-se a isso a notável influência dos meios de comunicação que contribuem para que cada vez mais se fragilize os festejos, folguedos e manifestações culturais típicas do calendário anual dessas comunidades. Little, 2002, afirma que “a questão dos direitos dos povos tradicionais passa pelo reconhecimento das respectivas leis consuetudinárias que esses povos mantêm, particularmente no que se refere a seus regimes de propriedade”.

Com o objetivo principal de colher informações sobre os aspectos do cotidiano dessas populações registrando suas formas de interação com o meio ambiente foi necessário um mergulho nos conceitos e definições que amparam as justificativas e resultados aqui expostos.

O referencial e marco teórico deste trabalho foi embasado, principalmente, na publicação *Biodiversidades e Comunidades Tradicionais no Brasil* editada pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Coordenadoria da Biodiversidade – COBIO, Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil – NUPAUB da Universidade de São Paulo – USP com apoio do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq;

Para uma melhor sistematização dos dados obtidos neste trabalho sua apresentação está estruturada obedecendo a seguinte ordem: pequeno resumo histórico dos municípios, seguida de informações básicas das comunidades tradicionais quilombolas e indígena ali encontradas. Uma relação nominal com as comunidades sertanejas e de fundo de pasto e seus respectivos municípios e por fim uma tabela com informação sobre a localização através de coordenadas utilizando-se equipamento de GPS.

Trabalhar na coleta de informações sobre comunidades tradicionais no entorno do reservatório de Sobradinho não foi tarefa fácil justificada pelas dimensões territoriais do estudo. A distribuição fragmentada e o isolacionismo dessas comunidades aumentaram o grau de dificuldade como também fizeram com que fossem preservados os elos mantenedores da identidade do indivíduo ou dos grupos visitados. Os acessos, quase sempre em péssimas condições não permitiram que fosse esgotada a totalidade do território. Falta de manutenção das rodovias, estragos causados pelas chuvas, desmoronamentos de barreiras impedindo passagens e ainda enchentes do rio São Francisco e seus afluentes foram alguns dos motivos de impedimento. Apesar das dificuldades foram percorridos quase 17 mil quilômetros entre rodovias federais, estadual, estradas, caminhos, rios e riachos utilizando-se veículo tracionado ou mesmo pequena embarcação.

A pesquisa de campo e as entrevistas individuais e em grupo forneceram os dados desejados e permitiram, com base nos conceitos e definições que fossem detectadas peculiaridades características que imprimiam e denunciavam aquelas comunidades como tradicionais - muitas delas negando a sua identificação. E assim, além do presente levantamento há uma necessidade de maior aprofundamento através da realização de inventário nessa área temática das comunidades tradicionais na região.

## **2. OBJETIVO GERAL**

- ❖ Vistoriar a área de influência direta do Empreendimento de Sobradinho com o objetivo de colher informações sobre a possível existência de comunidades remanescentes de quilombolas e populações tradicionais.

## **2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ❖ Realizar levantamento das possíveis áreas de ocorrências de Comunidades Tradicionais;
- ❖ Contextualizar a área do Empreendimento em termos etno-histórico;
- ❖ Arrolar dados contextuais, primários e secundários, sobre o desenvolvimento das atividades econômicas das populações tradicionais;
- ❖ Elaborar tabela de coordenadas com pontos, Latitude e Longitude, das comunidades;
- ❖ Confeccionar mapa com a localização das comunidades quilombolas e populações tradicionais.

## **3. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR**

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - Chesf é uma empresa de economia mista, criada pelo Decreto nº 8031, de 03/01/45, constituída em 15/03/48 e controlada pelos Centrais Elétricas Brasileiras – ELETROBRÁS – com a missão de produzir, transmitir e comercializar energia elétrica, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico da região nordeste do Brasil.

O sistema de geração da Chesf é hidrotérmico, com predominância hidráulica. Atualmente, o parque gerador é formado por 16 usinas, sendo 14 hidrelétricas e 2 térmicas, com 64 unidades geradoras, totalizando 10.704 MW de potência nominal, supridos através de nove reservatórios com capacidade de armazenar 50 bilhões de metros cúbicos d'água.

Seu sistema de transmissão é composto por 183 linhas de transmissão, totalizando cerca de 18.000 km de extensão, sendo 96% delas em tensões iguais ou superiores a 230 kV. Fazem parte deste sistema 96 (noventa e seis) subestações, as quais constituem, juntamente com as linhas de transmissão, usinas hidrelétricas e termelétricas, o Sistema Eletroenergético da Chesf.

Embora tenha na Região Nordeste a maior parcela de seu mercado, a Chesf já comercializa energia nas diversas regiões do país.

- **Nome/Razão Social:** Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - Chesf
- **Registro CNPJ/MF:** 33.541.368/0001-16
- **Inscrição Estadual:** 18.1.001.0005584-6
- **Endereço:** Rua Delmiro Gouveia, nº. 333, Edifício André Falcão, Bongi, Recife – PE. CEP: 50761-901
- **Fone (PABX):** (0xx81) 3229-2000
- **Home-Page:** <http://www.chesf.gov.br> - **E-Mail:** [chesf@chesf.gov.br](mailto:chesf@chesf.gov.br)
- **Representante Legal:** Francisco José Maciel Lyra
- **Endereço:** Departamento de Meio Ambiente – DMA, Ed. Dr. André Falcão, Bloco C, Sala 223, Rua Delmiro Gouveia 333, Bongi, Recife- PE, CEP: 50761-901
- **Fone:** (0xx81) 3229-2212 / 3229-2395 - **Fax:** (0xx81) 3229-2413
- **E-Mail:** [flyra@chesf.gov.br](mailto:flyra@chesf.gov.br)

#### **4. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDIMENTO**

O aproveitamento hidrelétrico de Sobradinho está localizado no estado da Bahia, distando cerca de 40 km a jusante das cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Possui como principais rodovias de acesso as BR's 324/407/210 pelo lado da Bahia, perfazendo uma distância de 520 km da capital Salvador e pelo lado de Pernambuco as BR's 232/428/210 a uma distância de 860 km da cidade de Recife.

A instalação do barramento de Sobradinho levou a uma subdivisão do trecho do Médio São Francisco, passando o trecho à jusante da barragem, até o Complexo de Paulo Afonso, a chamar-se de Sub-Médio São Francisco.

O rio São Francisco, "O Velho Chico", como é carinhosamente chamado pelos nordestinos, nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais, possui uma bacia hidrográfica da ordem de 630.000 km<sup>2</sup>, com extensão de 3.200 km de sua nascente à foz em Piaçabuçu/AL e Brejo Grande/SE.

A Usina de Sobradinho, construída pela Servix Engenharia e projetada pela Hidroservice Engenharia e Projetos Ltda, está posicionada com relação ao São Francisco a cerca de 748 km de sua foz, constituindo-se, além de sua função de geração de energia, na principal fonte de regularização dos recursos hídricos da região.

Neste sentido o reservatório de Sobradinho possui cerca de 320 km de extensão, com uma superfície de espelho d'água de 4.214 km<sup>2</sup> e uma capacidade de armazenamento de 34,1

bilhões de metros cúbicos em sua cota nominal de 392,50 m, constituindo-se no maior lago artificial do mundo, o que garante através de uma depleção de até 12 m, juntamente com o reservatório de Três Marias/CEMIG, uma vazão regularizada de 2.060 m<sup>3</sup>/s nos períodos de estiagem, suficiente para permitir a operação de todas as usinas da CHESF situadas ao longo do Rio São Francisco.

Incorpora-se a esse aproveitamento de grande porte uma eclusa, de propriedade da extinta PORTOBRAS e atualmente pertencente a CODEBA - Companhia Docas do Estado da Bahia, cuja câmara possui 120 m de comprimento por 17 de largura permitindo às embarcações vencerem o desnível de 32,5 metros criados pela barragem, garantindo assim a continuidade da tradicional navegação entre o trecho do Rio São Francisco compreendido entre as cidades de Pirapora/MG e Juazeiro/BA - Petrolina/PE.

Compreendem o represamento de Sobradinho as seguintes estruturas: barragem de terra zoneada com 12.000.000 de m<sup>3</sup> de maciço, altura máxima de 41 m e comprimento total de 8,5 km; casa de força com seis unidades geradoras acionadas por turbinas Kaplan e potência instalada de 1.140.000 quilowatts; vertedouro de superfície e descarregador de fundo dimensionados para extravasar a cheia de teste de segurança da obra; tomada d'água com capacidade de até 25 m<sup>3</sup>/s para alimentação de projetos de irrigação da região.

O sistema utilizado para disponibilizar a energia gerada é composto por uma subestação elevadora com 09 transformadores monofásicos de 133,3 MVA cada um, que elevam a tensão de 13,8 kV para 500 kV.

A partir daí a conexão com o sistema de transmissão da CHESF é efetuada através da subestação seccionadora de Sobradinho 500/230 kV, de onde partem 02 circuitos em 500 kV para Itaparica/Paulo Afonso, 01 circuito em 500 kV de interligação com a Eletronorte e 01 circuito em 230 kV que abastece todo o Sudoeste do Estado da Bahia, partindo de Juazeiro até Barreiras/BA.

## **5. JUSTIFICATIVA DO EMPREENDIMENTO**

Por assumir o papel de principal regularizador da vazão do rio São Francisco, o reservatório da usina Hidroelétrica de Sobradinho tem um papel fundamental na oferta de energia para toda a região Norte-Nordeste do Brasil. Sua grande capacidade de armazenamento, possibilita às usinas instaladas ao longo do São Francisco, fornecer energia para a região, nos períodos, as vezes longos, onde a vazão do rio cai significativamente.

O dimensionamento e a operação do reservatório e da usina permitem também, um controle de cheias eficaz, protegendo as cidades a jusante da barragem.

Do ponto de vista elétrico, a usina de Sobradinho tem uma função importantíssima no controle da tensão e na estabilidade da interligação Norte-Nordeste, proporcionando maior capacidade de intercâmbio de energia entre essas regiões e, conseqüentemente, melhor aproveitamento dos seus recursos eletroenergéticos. Para esse fim, tem um papel relevante à possibilidade de operar máquinas dessa usina como compensadores síncronos.

Vale ainda ressaltar a importância da usina, ao longo de toda a jornada diária, para a operação do sistema elétrico que supre a região sudoeste do estado da Bahia.

## **6. CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL DOS MUNICÍPIOS ENVOLVIDOS**

Em conformidade com a Licença de Operação – LO, emitida pelo Ibama/Sede para a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, foram definidos como área de influência do Empreendimento, e por isso mesmo objeto de nossa investigação os seguintes municípios definidos aqui, em referência ao rio São Francisco, pela margem direita Sobradinho, Sento Sé, Itaguaçu da Bahia e Xique-Xique e pela margem esquerda Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado e Barra, todos no estado da Bahia.

Estes oito municípios baianos estão localizados no entorno imediato do reservatório e, por isso sofrem influência direta desse empreendimento. Cinco destas cidades ficaram nacionalmente conhecidas em razão da famosa música cantada por Sá e Guarabyra, Sobradinho - *"O Sertão vai virar mar, dá no coração, o medo que algum dia o mar também vire Sertão... adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé, Pilão Arcado, Sobradinho ...adeus ...adeus..."* e, por terem sido relocadas para dar origem ao reservatório de Sobradinho que se constitui num dos maiores lagos artificiais do mundo, com 4.214 km<sup>2</sup>, construído na década de 70 para possibilitar o controle da vazão do rio São Francisco, a fim de assegurar a produção de energia das principais Usinas do Nordeste, quais sejam as do Complexo de Paulo Afonso, Itaparica e Xingó.

O rio São Francisco, conforme seu papel na história da região e de acordo com diferentes avaliações, é tido como de fundamental importância para as sociedades que dele tiram seu sustento. Sua bacia ocupa uma área de 640mil km<sup>2</sup>, abrangendo sete unidades da federação: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Distrito Federal e Goiás. Desde a nascente na Serra da Canastra/MG até sua foz no Oceano Atlântico, o rio tem 2.700km de extensão e sua vazão média anual é de 2.980m<sup>3</sup>/s. Em seus 463 municípios habitam 15 milhões de pessoas, sendo que 46% do total de sua área é apropriada para a irrigação artificial.

Diversas atividades de grande importância econômica e social são desenvolvidas ao longo do Rio São Francisco, destacando-se entre elas a geração de energia elétrica, com cerca de 9.300 MW instalados a partir do sub-médio São Francisco até a foz, correspondendo a mais de 85% da capacidade de geração instalada na região Nordeste.

Outra atividade de grande importância econômica é a agricultura irrigada a partir de suas águas, em especial a fruticultura. No médio São Francisco se produz manga, uva e coco, utilizando-se processo de irrigação artificial.

Nessa região também se produz uma espécie de uva de mesa sem sementes, destinada exclusivamente ao mercado externo. Essa uva é produzida de maneira orgânica, ou seja, sem a aplicação de químicas elaboradas artificialmente.

Apesar de 58% de sua área está situada no semi-árido brasileiro, possui 139 espécies identificadas de peixes, sendo as mais comuns: surubim, dourado, piauí, cascudo, curimatã e traíra.

Apesar da baixa produtividade, a pesca é ainda a principal fonte de renda das populações ribeirinhas.

Os municípios do vale são favorecidos pela presença do rio São Francisco e têm como traços predominantes, fatores de uniformidade como o clima semi-árido, caracterizado por chuvas escassas e mal distribuídas.

Os principais problemas desses municípios, além da convivência com a seca, são a pobreza, precários serviços públicos básicos, como saúde, saneamento, educação e transporte. Todos eles apresentam baixos índices de desenvolvimento econômico e social.

Na vizinhança da área de interesse do presente estudo situam-se ainda os municípios de Petrolina e Juazeiro (Pernambuco e Bahia, respectivamente), pólos de agricultura irrigada e centros comerciais de grande relevância na região.

Todos os municípios citados apresentam alguma vocação para a agropecuária e para o turismo.

De forma geral, os municípios não conseguem suprir as demandas de suas populações. Não há uma articulação dinâmica da economia com os segmentos da sociedade que têm condições de contribuir com o processo de desenvolvimento local. Essa desarticulação entre



as atividades econômicas e a população local é também marcada pela vulnerabilidade da base econômica às calamidades climáticas, pelas ações humanas que degradam o ambiente, assim como pela falta de políticas públicas que atendam as demandas sociais. Nesse sentido, merecem destaque alguns problemas:

- restrita inovação tecnológica na agricultura e na pesca;
- ausência de programas de geração de emprego e renda;
- a existência de atividades predatórias dos recursos naturais: pesca predatória e uso de defensivos agrícolas;
- a falta de racionalização e gestão do uso dos recursos hídricos atendendo a demanda da população;
- o trabalho de educação e saúde ambiental, insuficiente, se comparado às necessidades;
- a falta de uma política de segurança alimentar como forma de garantir o mínimo para a sobrevivência da população;

Com base nas entrevistas com os gestores municipais, constata-se que o setor produtivo é frágil, necessitando de um incremento através da implantação de programas em direção a um desenvolvimento local sustentável.

Os habitantes dessas cidades vivem dos empregos advindos de cargos públicos, o restante é preenchido pelas atividades pesqueiras, atividades agro-pastoris, tímido comércio e serviços centrados nas sedes municipais assistidos por aposentados e rendas oriundas de programas sociais do governo federal.

As atividades do setor terciário são mais visíveis nos municípios de Barra, Remanso e Casa Nova. O turismo tem importância econômica quando o reservatório está no seu nível normal, a exemplo do município de Casa Nova.

O setor primário é o que mais gera emprego e renda para os municípios, através de suas principais bases produtivas: agricultura, pecuária, pesca e piscicultura.

As áreas onde se localizam os municípios em estudo constituem zonas de pecuária extensiva com atividades agrícolas limitadas. Tendo como principais produções:

- bovinocultura de corte, ovinocultura e caprinocultura;
- pastagens cultivadas e naturais;
- culturas de milho, feijão e mandioca

Os sistemas de produção utilizados nesta região são:

- sistema camponês agropecuário diversificado, à base de pecuária e agricultura tradicional;
- sistema pecuário extensivo em grandes propriedades;
- sistema de subsistência.
- 

Ao longo das margens direita e esquerda do lago de Sobradinho encontram-se vários projetos de irrigação, sendo alguns pertencentes aos reassentados dos povoados que foram inundados pela formação do reservatório da UHE Sobradinho e, outros pertencentes a particulares e a grandes empresas agrícolas.

Nos municípios e comunidades às margens do lago de Sobradinho, observou-se que a pecuária é praticada de forma extensiva, mas em alguns casos, como em Pilão Arcado, Remanso e Sobradinho, essa atividade representa grande parte da economia do município.

A caprinocultura e a ovinocultura são as atividades pecuárias de maior expressão na região, principalmente por serem animais de maior resistência às secas prolongadas e à falta de alimentação protéica. Os produtos obtidos dessa atividade são a carne, o leite e o couro, sendo indispensáveis para a economia e a alimentação do sertanejo. Há ainda, o beneficiamento da carne que é utilizada para produção de lingüiça e de defumados, sendo o município de Sobradinho possuidor de uma unidade produtiva para defumados.

Aqueles que possuem um poder aquisitivo maior ou algum financiamento criam seus rebanhos em confinamento, complementando a alimentação dos animais com ração balanceada. Alguns possuem áreas de pasto irrigado para produção de capim-elefante. Já os pecuaristas de subsistência utilizam o pastejo livre na caatinga (caracterizando Comunidades de Fundo de Pasto). Mas, além do pastejo na caatinga, também são usadas à mandioca moída, a Palma forrageira (*Opuntia sp*), a Algaroba (*Prosopis juliflora*) e a Leucena (*Leucaena leucocephala*). Porém nos casos mais drásticos de seca é usado até o mandacaru como alimento animal.

Nessa região existe intensa atividade pesqueira, praticada tradicionalmente pelos ribeirinhos de forma comercial ou para subsistência. A estrutura das comunidades de pescadores comerciais é particularmente caracterizada pela relação existente entre essas comunidades e a dinâmica dos recursos pesqueiros que exploram.

Nessa região Bahia a pesca é exercida essencialmente de forma artesanal, sendo importante fonte protéica para as comunidades localizadas ao longo da calha do rio. Além de fonte de alimento, a pesca é uma das principais atividades geradoras de renda da população, onde se estima que a atividade congregue cerca de 30 mil pessoas entre pescadores, familiares diretamente envolvidos e atravessadores (IBGE, 2002).

Muitas das comunidades ribeirinhas que dependem da produção e comercialização dos produtos da pesca artesanal, como meio fundamental de renda e alimentação, estão submetidas a situações de pobreza, riscos sociais e ambientais que tendem, no longo prazo, a comprometer o desempenho integral da cadeia produtiva (BARBOSA, 1962).

A produção pesqueira vem sofrendo declínio nas últimas décadas motivado por ações antrópicas como: barramentos, a redução do caudal nas lagoas marginais, o impedimento da migração das espécies rio acima, o desmatamento da vegetação natural e a destruição das matas ciliares, além da poluição proveniente dos esgotos domésticos e de atividades agrícolas.

Os dados levantados dos aspectos sócio-culturais fundamentam-se no entendimento de que o ser humano exerce a sua cidadania através da apropriação de todos os direitos sociais, políticos e econômicos, os quais são observados através dos indicadores da qualidade de vida nos municípios visitados. Nessa direção, algumas características são comuns.

- Precariedade dos níveis de emprego. Considere-se que a baixa produção do pescado contribuiu para aumentar esse problema;
- Baixo nível de saúde provocado pela pobreza. Os efeitos desse quadro são a desnutrição, doenças endêmicas e epidêmicas;
- Ausência de políticas públicas capazes de possibilitar à população o acesso aos bens de cidadania;
- Número de domicílios com esgotamento sanitário deficiente, especialmente nas zonas rurais onde se concentra o maior número de Comunidades Tradicionais.

Segundo os dados do IBGE (2000), a população urbana desses municípios está estimada em 220.621 habitantes, correspondendo a 1,69% da população urbana do estado da Bahia.

## **INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

---

As condições educacionais verificadas nos municípios evidenciam a precariedade do ensino, sobretudo nas escolas municipais situadas nos distritos, povoados – onde se concentram os maiores números de comunidades tradicionais.

A quantidade de escolas da rede municipal para o nível fundamental é bem superior em relação ao das escolas da rede estadual. Isso reflete a prática dos municípios criarem escolas em qualquer lugar a exemplo do que acontece em Pilão Arcado, onde existem salas de aulas cedidas por residências familiares ou como a construída pela comunidade de fundo de pasto de Melancia em Casa Nova.

Apesar da implantação de salas de aula nos municípios, existe o problema de meninos e meninas de rua e prostituição infantil seguida de gravidez precoce e o consumo de drogas por adolescentes, a exemplo do que acontece em Casa Nova.

Em relação ao ingresso no 3º grau, a população tem que se deslocar para Juazeiro - BA ou Petrolina – PE

A saúde, tal como a educação, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social e a assistência aos desamparados é um direito social de toda a população, instituído na Constituição de 1988. Nesse contexto, a realidade dos municípios estudados evidencia que há muito a ser feito para garantir o acesso, equidade, qualidade e humanização na atenção à saúde da população.

A notificação de doenças é um reflexo da precariedade do sistema de saúde, bem como as precárias condições de moradia, saneamento e trabalho. Dadas essas observações, as condições de saúde são visíveis com a incidência de doenças infecciosas e parasitárias, evidenciando-se casos de hanseníase, tuberculose, doenças de chagas e leishmaniose; alto consumo de bebidas alcoólicas; doenças sexualmente transmissíveis, especialmente no município de Remanso; de doenças do aparelho circulatório e neoplasias (tumores), a exemplo de Sobradinho.

Os problemas do setor de saúde enfrentados pelos municípios desafiam o sistema de saúde deficiente, com processo de municipalização lento e controle social incipiente.

As condições de moradia e de saneamento, as características dos municípios quanto à tipologia habitacional e serviços de abastecimento de água, esgoto e coleta de lixo, representam as condições de vida da população, as quais, nos municípios pesquisados, se mostram precárias.

Utilizando os dados dos municípios, verifica-se que a taxa de urbanização tem crescido, apesar dos municípios demonstrarem uma taxa de moradia na zona rural superior à urbana. O tipo de moradia predominante é alvenaria, encontram-se muitas casas de taipa e de tijolo batido principalmente, nos núcleos /distritos evidenciados pelas comunidades tradicionais.

Verifica-se que os municípios não dispõem de saneamento básico. Dentro do Programa de Revitalização da Bacia do São Francisco, coordenado pelo Ministério de Meio Ambiente – MMA, essas cidades estão contempladas com projetos de implantação e/ou complementação de redes de esgotamento sanitário. Nas localidades das comunidades tradicionais identificadas na região nenhuma delas contam com esse tipo de infra-estrutura.

De acordo com a prefeitura de Pilão Arcado, a cidade cresceu e com ela os problemas, como a falta de saneamento. Nesse município, existem vários esgotos a céu aberto, conforme a figura abaixo, os dejetos sendo jogados no rio São Francisco. A realidade é ainda mais crítica nos núcleos/distritos, onde não existe nenhum tipo de saneamento, salvo algumas casas que possuem fossas. Este quadro, no ambiente urbano, tende a ser diminuído pelo processo de licitação em andamento para contratação de empresa visando a implantação de saneamento básico na sede municipal. Em Remanso, a sede do município é 90% saneada e existe uma lagoa de decantação para tratamento.

No município de Casa Nova, 70% da sede possui saneamento. O tratamento é também feito através de lagoa de decantação e o efluente é lançado no lago de Sobradinho, sendo a outra parcela de esgoto lançada no lago, sem nenhum tratamento. Em Pilão Arcado e nos demais municípios, tudo é despejado no rio São Francisco.

***Em relação ao abastecimento d' água, o serviço é inadequado, a exemplo do que acontece com alguns municípios:***

- **Casa Nova** – 58% da população consome água sem tratamento;
- **Remanso** – só 50% da população tem ligação de água. A situação nos núcleos é mais precária. Para beber, a população rural acumula água de chuva em cisternas ou utiliza água de poço dessalinizado e carros pipas, distribuídas pelas prefeituras. 50% da população utiliza esse tipo de abastecimento;
- **Sobradinho** – 91% da população do município é abastecida com água da rede pública e 3,5% com água de poço. Desses, 32,9% tem tratamento através de filtração e só em 59,9% há cloração;
- **Pilão Arcado** – o abastecimento através da rede pública atinge cerca de 97,8% da zona urbana e 8% da zona rural; sendo predominante nesta, o abastecimento através de poço (33,4%) ou outro tipo (58,5%).

Nos municípios de Sento Sé e Xique-Xique, o abastecimento predominante na zona urbana é através da rede pública e, na zona rural, como ocorre nos municípios mencionados acima, o atendimento é muito precário.

Os serviços de abastecimento sanitário são administrados pela SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto, autarquia municipal, que esteve vinculada à Fundação Nacional de Saúde até 1999. O SAAE existe em todos os municípios da região do lago de Sobradinho. Foi criado para atender as cidades ribeirinhas.

Para abastecer as cidades, é utilizada a água do rio São Francisco, a qual é captada do lago e encaminhada para os reservatórios nos municípios e distribuída para a população através de uma estação elevatória.

No meio rural várias comunidades já contam com a instalação de cisternas - caixas d'água abastecidas com água da chuva aproveitada do telhado das casas e também recarregadas por caminhões-pipa quando necessário fornecida pelas prefeituras ou mesmo adquiridas através da compra aos fornecedores locais. No entanto esses reservatórios, apesar de sua importância, não supre o consumo humano, animal, quanto menos possibilitam o desenvolvimento de atividade agrícola.

Em relação ao lixo, a coleta na zona urbana é realizada de 2 a 3 vezes por semana e raramente chega aos núcleos/distritos. O lixo recolhido é colocado em terreno baldio ou lixões. Em alguns municípios existem catadores, a exemplo de Casa Nova, onde há um Conselho de Meio Ambiente estruturado, com a proposta de desenvolver programa de educação ambiental direcionado a crianças e adolescentes, cuja temática será a reciclagem do lixo.

O município de Sobradinho vem desenvolvendo ações na área de educação ambiental nas escolas da rede municipal, promovendo trabalhos de estímulo a conservação e preservação do rio São Francisco com o objetivo de desenvolver uma consciência ambiental.

De uma forma geral o sistema de transportes dos municípios é atendido por linhas oficiais (ônibus), que são de péssima qualidade, além de linhas clandestinas, servidas de veículos de médio porte ("Vans"), em grande quantidade, mas que colocam em risco os usuários pela superlotação. Não existe serviço de transporte coletivo, seja táxi ou ônibus, por outro lado, é muito comum o uso de moto-táxi, bicicletas ou carroças puxadas por tração animal facilmente encontradas pelas ruas centrais das cidades. Existem ainda ônibus e/ou caminhonetes, mantidos pelas prefeituras para transportar alunos, principalmente do ensino

médio, das comunidades mais distantes ou mesmo entre distritos e povoados buscando o atendimento daqueles alunos.

A energia elétrica é fornecida pela COELBA - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia. A zona urbana dos municípios é atendida pelo serviço regularmente, porém a zona rural é muito carente de eletrificação. Nos municípios, existe a utilização da energia solar de forma ainda incipiente e, alguns avanços no atendimento da eletrificação dessas comunidades pelo Programa Luz Pra Todos, instituído pelo Governo Federal.

## **8. CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEITOS E DEFINIÇÕES**

Por terem entrado no mercado de consumo, mas sem abandonar sua cultura as comunidades tradicionais sofrem de preconceitos de boa parte das populações urbanas e do empresariado como um todo que têm dificuldades para entendê-las. É inegável o acesso dessas comunidades que, atualmente estão usufruindo bens e serviços, e, apesar de terem casa, e em alguns casos, luz elétrica, geladeira, tevê e carro, conservam suas tradições nos seus habitats e cotidiano expressado na sua organização social, na ocupação e exploração da terra, nas celebrações, saberes e ofícios.

As comunidades tradicionais também se transformam, sob o efeito de dinâmicas tanto internas quanto externas (transformações na estrutura fundiária, consumo de produtos industrializados, etc.), mas o ritmo é mais lento. Além disso, sua forte dependência dos recursos naturais, sua estrutura simbólica, os sistemas de manejo desenvolvidos ao longo do tempo e, muitas vezes seu isolamento, fazem-nas fiéis parceiras da conservação ambiental.

Uma das coisas que mais chama a atenção são as muitas comunidades encontradas ao longo do estudo nessa região que mantém laços tão estreitos e tão similares pelas atividades produtivas desenvolvidas, vocações, credences, pautas culturais e ofícios detectados e formatados num entrelaçamento tão íntimo que produz fronteiras conceituais tênues que, no caso, impossível de não deixar de existir ambigüidades para definição conceitual de cada uma delas. Assim são vistas comunidades quilombolas (Barreiros, Itaguaçu da Bahia) com representações sertanejas; aldeia indígena (Camixá Truká, Sobradinho) com acentuada relação sertaneja e forte representação de elementos negros, e, ainda comunidades de Fundo de Pastos com negros, sertanejos e representação de elementos indígenas (Comunidade Melancia em Casa Nova).

Apesar de ter sido pensado como um dos critérios de identificação pela forma associativa de organização político-social existente – esse critério só ficou sendo válido para aquelas comunidades organizadas que definem no seu status quo, quem realmente são. Como exemplo citamos a Associação Quilombola da Comunidade de Barreiros, Itaguaçu da Bahia, já reconhecida e em processo de demarcação.

A bem da verdade cabe esclarecer sobre este aspecto que com a ocorrência da desorganização espacial ou territorial provocada pelo deslocamento dessas comunidades em virtude do empreendimento da UHE Sobradinho os novos reassentados sentiram a necessidade de se organizarem, por meio de associações, muitas delas estimuladas e orientadas pela própria Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Chesf e, também, amparadas pelos setores organizados da sociedade, organizações não governamentais, ong's, e, pelas dioceses de Juazeiro da Bahia e Barra municípios de grande influência religiosa e política na região. Assim verificou-se grande número de associações de moradores da comunidade tal ou do povoado tal e, que não se definiram naquele momento como comunidades tradicionais – até por que essa matéria não fazia parte à época de uma discussão maior de reconhecimento daquelas comunidades com o nível atual de conceitos, definições e amparados em legislação.

A própria dinâmica dos avanços de reconhecimento dessas comunidades e com o hibridismo cultural instalados ocasionou grandes transformações sem, no entanto se perder as essências completamente enquadradas nos conceitos e definições aceitos na atualidade.

Ainda sobre os aspectos conceituais, por definição há um consenso, segundo Diegues, 2000, que registra: “No Brasil há um certo consenso sobre o uso do termo “população indígena” significando “etnia”, ou seja, povos que guardam uma continuidade histórica e cultural desde antes da conquista européia da América. O estabelecimento de áreas indígenas no Brasil reconhece o direito histórico das populações indígenas a seus territórios. Desse modo, há uma distinção mais clara entre as populações indígenas e as não-indígenas baseadas no conceito de etnia e no reconhecimento de uma continuidade sociocultural, histórica e identitária das sociedades e culturas indígenas, claramente distintas da sociedade envolvente”. Existe muito debate sobre as terminologias dos termos “populações nativas”, “tribais”, “indígenas” e “tradicionais” aplicáveis mundialmente. Após várias definições o Banco Mundial através da Diretiva Operacional 4.2 de 1991 trás uma definição mais ampla que engloba povos que vivem com as seguintes características:



- a) ligação intensa com os territórios ancestrais;
- b) auto-identificação e identificação pelos outros como grupos culturais distintos;
- c) linguagem própria, muitas vezes não a nacional;
- d) presença de instituições sociais e políticas próprias e tradicionais;
- e) sistemas de produção principalmente voltados para a subsistência.

Muitos são os debates conceituais sobre essa temática, pois a complexidade e abrangência permitem e devem ainda passar por muitos olhares e formas de identificação.

Citando Diegues, 2000: “Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais”.

E conclui: “Além do espaço de reprodução econômica, das relações sociais, o território é também o *lócus* das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades. A íntima relação do homem com seu meio, sua dependência maior em relação ao mundo natural, comparada ao do homem urbano-industrial faz que ciclos da natureza sejam associados às explicações míticas ou religiosas”.

Pela ótica marxista essas comunidades desenvolvem uma produção sob modelo pré-capitalistas, onde o trabalho não se tornou mercadoria apesar de estarem dentro de um mercado que se traduz numa não total dependência daquelas. A reprodução cultural e social se sobrepõem ao lucro e as relações quase sempre associadas se estabelecem através de suas percepções e representações quase sempre associadas à natureza e a dependência de seus ciclos – exemplo forte na região é aproveitar o período de chuva para plantar. Foi comum encontrar os pedidos e adorações ao São José no seu dia, 19 de março, dia também consagrado ao plantio do milho, do feijão etc quando todos torcem para que chova

naquele dia e, com a ocorrência deste fato à garantia, a princípio, de que o inverno será bom.

Pelo avistado essas comunidades desenvolveram formas singulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro. As comunidades visitadas realmente praticam uma produção voltada principalmente para suas subsistências, inclusive mantém uma preocupação e técnicas tradicionais de armazenamento de grãos principalmente feijão e milho juntamente com a farinha de mandioca e seus derivados buscando a segurança alimentar por longos períodos. É importante ressaltar que não existe nenhuma intenção de acumular bens e lucros e que há realmente uma preocupação com os recursos naturais dos quais os mesmos dependem para sobreviver. Evidentemente que satisfeitas essas premissas da garantia de alimentos, sua produção excedente será oferecida ao mercado tendo como destino os repassadores ou expostos a venda diretamente nas feiras livres – sempre por preços muito baixos. Relação diversa de produtos quais sejam; feijão, farinha, goma, crueira, peças artesanais como cerâmicas em barro (queimadas em fornos construídos nos quintais das casas) utilitárias (potes, pratos, filtros, panelas, fogões), figurativas (animais, homens, mulheres), figurativas utilitárias (potes em forma de mulher), em madeira (colher de pau, pilão, alguidar, gamelas, bancos e tamboretas para sentar).

Essas relações de mercado se ampliam na informalidade entre os membros da família, comunidade ou vizinhança, baseadas no princípio da “palavra” recurso culturalmente usado nas transações de troca em negociações que não envolvem diretamente o capital; troca-se animais por carroças ou por sacas de farinha. Ocorre também divisão do trabalho na lavoura (limpeza e preparação da terra, plantio, aguação, capinação e colheita) e a produção na conhecida “roça de meia”. A existência da solidariedade familiar também representa uma característica muito presente nessas comunidades.

Essas comunidades pensam e agem racionalmente e intencionalmente diferente daquelas que obedecem ao modo de produção capitalista em que não só a força do trabalho, como a própria natureza se transforma em objeto de compra e venda, em mercadoria.

As comunidades tradicionais que integram este objeto de estudo se instalaram em território não definidos juridicamente e a maioria delas não conta com registro de escritura de propriedade ou titulação de propriedade. É comum encontrá-las isoladas, distante das sedes municipais e geralmente seus entornos territoriais são marcados pela descontinuidade, por aparentes vazios ou terras em pousio, devolutas, “terras de ninguém”. Esses espaços vazios de uso representam áreas de tensão e disputas por suas posses, são exatamente lugares

onde reside o ponto focal de conflitos geralmente envolvendo aquelas comunidades e grileiros.

Com embasamento nas considerações acima foram identificadas as comunidades quilombolas, populações indígenas e de fundo de pasto/sertanejos que se caracterizam pelos seguintes aspectos, segundo Diegues, 2000:

- a) pela dependência freqüentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um *modo de vida*;
- b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;
- c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) pela reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) pela importância das simbologias, mitos e rituais. Pela religiosidade, celebrações e cultos associados às heranças recebidas transmitidas de geração para geração, por meio da oralidade;
- i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;

- j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- l) pela auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

E assim chegamos, no momento, as seguintes definições:

## **9. QUILOMBOLAS**

Os quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em regime comunitário, na região foram encontrados assentados em antigas fazendas deixadas pelos proprietários, assentamentos em áreas devolutas ou reassentados motivado pelo empreendimento da UHE Sobradinho.

Apesar de existirem, sobretudo após a escravatura, no fim do século XIX, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura. A Constituição de 1988 garantiu seu direito sobre a terra da qual vivem, em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca – apesar da negação escondem a prática da caça. Assim os quilombolas identificados na região de Sobradinho, muitas vezes situados ao longo do rio, garantem sua subsistência. Quando estão longe das margens do rio são quase exclusivamente agrícolas. O que se percebe é que apesar da evolução da legislação em favor dessas comunidades a não aceitação da auto-identificação ainda é comum entre os indivíduos por ela representados. A repressão e o isolacionismo frustraram suas celebrações, poucos ainda conservam os ritos resistindo a proibições impostas pela própria família, principalmente pelos maridos e medo às investidas da polícia com ameaças de fechar o centro ou salão – lugar dos toques e das comemorações. Registramos em Remanso salão de candomblé afastado da sede municipal no meio da caatinga e na comunidade de Lagoa D'água “mesa branca” com direito a toques e celebrações na sala principal da casa residencial.

Dentre os povos e comunidades tradicionais identificados na região os quilombolas foi dos mais representativos no processo de interação pacífica entre ser humano e natureza e os menos esclarecidos. Essas comunidades rurais negras, inicialmente formadas por ex-escravos seriam não só povoações fundadas por negros fugidos, mas também redutos de alforriados e livres com a passagem do trabalho escravo para o livre.

As terras das comunidades remanescentes de quilombos estão sob constante ameaça de invasores como fazendeiros, madeireiros, mineradoras, garimpeiros. A partir desta questão

de impacto social, em 1988, entidades do movimento negro propuseram que a Constituição do Brasil garantisse para as comunidades negras rurais as suas terras. A proposta foi aceita e o artigo 68 reconhece às comunidades remanescentes de quilombos o direito a propriedade de suas terra.

Cada família possui uma área demarcada e em cada um dos sítios familiares há áreas de terras de uso e áreas que são mantidas que possibilitam o descanso da terra de lavoura, e áreas onde a vegetação se mantém, onde em determinados momentos se realiza o extrativismo.

No processo de seu reconhecimento coletivo como descendentes de escravos e sujeitos sociais que tiveram papel fundamental na preservação e conservação do meio ambiente, através dos seus saberes, ofícios e celebrações essas populações encontram-se desestruturadas socialmente desconhecendo seus direitos. Apesar de todos os problemas que enfrentam, os quilombolas tem procurado se organizar de maneira a resistir às pressões, não necessariamente como quilombolas, mas, em torno de associações de moradores, sindicatos rurais ou Colônia de Pescadores. Apenas três comunidades se auto-identificaram como quilombolas à de Barreiros (já reconhecida); Alegre (em processo de reconhecimento) em Itaguaçu da Bahia e a comunidade de Vicente no município de Xique-Xique que está sendo assistida pela Pastoral da Terra, CPT, da Arquidiocese de Barra.

## **10. POPULAÇÕES INDÍGENAS**

Na região de Sobradinho é fácil encontrar-se descendentes indígenas detectados pelas características físicas, cabelos lisos, pele morena, indivíduos imberbes, olhos de formato repuxado, amendoados, denunciados ainda pelo comportamento como, por exemplo, sentar de cócoras, habilidade para pesca, negam a prática da caça, cestaria e cerâmica, permanência no hábito da coivara entre outros. Esses indivíduos espalhados em todos os cantos são herdeiros da miscigenação estabelecida e alguns conservaram traços inconfundíveis da presença genética, no caso, de nossos ameríndios. Pedro, índio da aldeia Camixá Truká lembra de sua avó Ciaca, pega ainda “índia braba” isto é, ainda selvagem.

Em toda área pesquisada apenas uma aldeia indígena foi encontrada, são os Camixás Trukás, no município de Sobradinho, tribo que teve sua origem intimamente ligada à tribo Truká da Ilha de Assunção, no município de Cabrobó, estado de Pernambuco, no sub-médio São Francisco.

## 11. SERTANEJOS / FUNDO DE PASTO

Os sertanejos ocupam desde o agreste e avançam por grandes extensões no semi-árido das caatingas. Desenvolvem economia pastoril associada à agricultura, principalmente de subsistência. Produzem o milho, o feijão, a mandioca e frutíferas e das criações obtém-se a carne, couro e tração animal para serviços de transporte e do campo.

As atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas à secas periódicas, conformaram não só a vida, mas também a própria figura do homem e do gado. Assim associados, multiplicando-se juntos, o gado e os homens foram penetrando terra adentro, até ocupar, ao fim de três séculos, quase todo o sertão interior.

O movimento de expansão de todo o sertão foi sendo ocupado e cortado por estradas abertas pela batida das boiadas, marcando ao longo dos caminhos feiras de gado e depois curtumes nas grandes fazendas. Estas marchavam de pouso em pouso se transformariam mais tarde em vilas e cidades. As terras mais pobres onde o gado não podia se desenvolver foram dedicadas à criação de bodes, cujo couro encontrou amplo mercado. Os sertanejos exportam o couro, porém, possuem uma economia pobre e dependente. Crescendo junto com o gado esses bodes transformam-se mais tarde na única carne ao alcance do vaqueiro. Citando Rachel de Queiroz, 1994, “Assim é que os currais se fizeram criatórios de gado, de bode e de gente: os bois para vender, os bodes para consumir, os homens para emigrar”. Esta afirmativa corresponde à pura verdade, pois, os sertanejos dessa região geralmente acumulam experiência da emigração, principalmente, para o sudeste do país em busca de melhores condições de vida e regressam com a tradução da imagem de regiões progressistas. Ao longo da pesquisa encontramos muitos casos de retorno de emigrantes aos seus lugares de origem e relatos do desencanto com as “atravidades” atuais das metrópoles.

A maioria dessa população possui como eles próprios chamam de “animais de criação”, para Diegues, 2000, essas criações com “*bases no pastoreio é marcada por uma dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização familiar, na estruturação do poder, na vestimenta típica (perneiras, guarda-peito, gibão, etc.), nos folguedos estacionais, na visão de mundo, numa religiosidade propensa ao messianismo, na dieta e na culinária*”.

Cultivam o algodão arbóreo (mocó) fazendo torta de sementes para o gado e desenvolvem atividades extrativistas. Fazem roças de subsistência (feijão, milho e mandioca) e, da

mandioca reproduzem e exploram todas as formas de beneficiamento farinha, puba, goma etc. Extraem os palmais de carnaúba para a produção de cera e artefatos de palha (cestos, esteiras). E, no caso destacou-se a confecção de cerâmica utilitária potes, filtros, panelas, jarras etc

O sertanejo caracteriza-se ainda, por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por uma rigidez de hábitos e pautas culturais, laconismo e rusticidade, predisposição ao sacrifício e à violência, daí se encontrar tantos grupos de penitentes (disciplina e alimentação), pelas qualidades morais características das formações pastoris do mundo inteiro: o culto da honra pessoal, o brio e a fidelidade a suas chefaturas (ampliadas ao respeito aos mais idosos – durante a visita de campo muitas crianças e adolescentes quando não espontaneamente eram recomendados pelos pais ou parentes a nos darem a benção, a nos cumprimentarem). As duas formas marcantes de expressão foram o cangaço e o fanatismo religioso, desencadeadas pela penúria, conformadas pelas singularidades do seu mundo cultural.

Para Luiz da Câmara Cascudo “o sertanejo é antes de tudo um forte” e, realmente o cotidiano desse povo é envolto a muito trabalho e carências principalmente aos bens e serviços básicos de rede infraestruturais.

As comunidades fundo de pasto foram as que mais se destacaram em quantidade na região de Sobradinho. Essas comunidades conforme reflexões e definições feitas pelo líder comunitário Valdivino, no I Seminário de Povos e Comunidades tradicionais da Bacia do São Francisco, dezembro de 2005 em Delmiro Gouveia, Alagoas, “é um sistema de produção coletivo onde vários criadores desenvolvem seus criatórios numa mesma área não cercada, ampla, normalmente terras devolutas que podem ser privadas ou públicas. Geralmente são comunidades compostas por agricultores e agricultoras familiares, criadoras e criadores sertanejos, indígenas, quilombolas e até pescadores”.

Citando Marques, em Ecologias do São Francisco, “a área é grande por utilizar a caatinga como pasto... “ e continua, “o manejo é coletivo, onde se utilizam vaqueiros para cuidarem dos animais, na maioria caprinos, ovinos e bovinos. Parte é comercializada de forma individual e parte atende as necessidades de sustentação da família”. Existe um território demarcado e outro é pasto livre e comum aos integrantes daquela comunidade, em vários pontos do Brasil co-existe esse modelo e aqui no nordeste, essas comunidades de fundo de pasto são típicas das áreas do sertão. Vivem da criação extensiva, da agricultura, da coleta extrativista e se organizam em associações agropastoris.

O município de Casa Nova apresentou o maior número de comunidades de fundo de pasto auto-reconhecidas, uma já demarcada e outras em processo de demarcação. No estado da Bahia essas comunidades aparecem em número de aproximadamente 700, organizadas e reconhecidas atingindo cerca de 20 mil famílias. Há indícios de futuros graves conflitos pela posse dessas terras sejam por empresas, ou por grandes latifundiários.

Essas comunidades detêm vasto conhecimento e saberes do ecossistema da caatinga. Cultivam as tradições, os saberes e celebrações. São em maioria, católicos, com tendências ao messianismo, cultuam seus mortos e realizam as incelenças ou excelências, visitas de covas com suas rezas, cânticos e louvores. Durante a quaresma e Semana Santa celebram, pelos pecados cometidos, seus arrependimentos com a autoflagelação são os grupos de penitentes espalhados em toda a região divididos em alimentação (voltados a rezas e cânticos) e disciplina (que se flagelam, se torturam mascarados e vestidos com mortalhas geralmente confeccionadas com tecidos de algodão branco). Salgam a carne, coletam o mel, beneficiam a mandioca fabricando a farinha, a goma, a borra, a crueira entre outros. Têm um comportamento preventivo, típico dos povos tradicionais encontrados na região.

## **12. METODOLOGIA**

### **1ª Etapa Metodológica**

- Levantamento bibliográfico e de referências;
- Vistoria Geral da área do entorno do Reservatório da UHE Sobradinho para identificação dessas comunidades; as visitas ocorreram em quatro momentos, a saber:
  - 1- Uma visita de campo inicialmente as sedes municipais (realização de palestras para comunicar sobre a realização do Programa; contatos com prefeituras, sindicatos, Colônias de Pescadores e associações);
  - 2- Três visitas de campo as comunidades indicadas pelas instituições visitadas entre outras descobertas pela equipe – realização de entrevistas, geoprocessamento e levantamento fotográfico;
  - 3- Trabalho de escritório; sistematização de dados, confecção de mapas.

### **2ª Etapa Metodológica**

- Compilação de dados/ digitação;
- Emissão de Relatório Final.



### **13. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

1. Levantamento de fontes bibliográficas e realização de entrevistas com a população dos centros urbanos, do entorno da hidrelétrica, para resgatar informação acerca da existência de comunidades tradicionais na região;
2. Percorrimento na área de intervenção direta (uso de Sistema de Posicionamento Global - GPS) tomada das coordenadas geográficas das comunidades tradicionais encontradas, utilizando veículo tracionado e barco.
3. Retorno às comunidades identificadas e realização de entrevistas com as populações - aspectos socioeconômicos, culturais; origem, cotidiano, manifestações culturais, ofícios e celebrações;
4. Trabalho de campo e de escritório com emissão de Relatório Final contendo levantamento fotográfico e mapas de localização.



**Seminário sobre Comunidades Tradicionais**



**Plenária do Seminário – Remanso/Bahia – 2006**

### **14. ÁREA DE ABRANGÊNCIA DOS ESTUDOS**

Em conformidade com a Licença de Operação – LO, emitida pelo Ibama/Sede para a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, foram definidos como área de influência do Empreendimento, e por isso mesmo objeto de nossa investigação os seguintes municípios definidos aqui, em referência ao rio São Francisco, pela margem direita Sobradinho, Sento Sé, Itaguaçu da Bahia e Xique-Xique e pela margem esquerda Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado e Barra, todos no estado da Bahia.

## 15. LEVANTAMENTO DE COORDENADAS GEODÉSICAS DAS COMUNIDADES

O cadastramento das comunidades visitadas, abaixo relacionadas foi realizado através de trabalho de campo, com uso de equipamento GPS de navegação, modelo eTrex Vista.

O Sistema de Referência Geodésico utilizado no levantamento foi o WGS 84 e as coordenadas apresentadas no formato Latitude e Longitude, como pode ser visto nas tabelas a seguir.

<b>TABELA DE COORDENADAS - COMUNIDADES TRADICIONAIS (WGS-84)</b>		
<b>RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO – MARGEM DIREITA</b>		
<b>PONTOS</b>	<b>S</b>	<b>W</b>
<b>SOBRADINHO</b>		
TRIBO CAMIXÁ TRUKÁ DA BAHIA(IND)	09°29'48,8"	40°51'09,7"
SANGRADOURO	09°27'30,2"	40°46'35,8"
CORRENTEZA(FP/S)	09°27'04,7"	40°43'55,6"
PORTO DE JUCEMA	09°26'09,6"	40°51'09,7"
SÃO GONÇALO NOVO(FP/S)	09°26'40,9"	40°53'35,9"
<b>SENTO SÉ</b>		
BREJO DE FORA(FP/S)	09°32'04,6"	41°02'46,0"
BREJO DE DENTRO(FP/S)	09°35'40,9"	41°02'45,6"
PIÇARRÃO	09°41'20,8"	41°08'22,2"
PIRI(FP/S)	09°46'46,9"	41°25'09,5"
BAZUÁ(FP/S)	09°47'33,0"	41°31'03,0"
QUIXABA(FP/S)	09°49'52,3"	41°32'51,4"
TRAIRA(FP/S)	09°49'49,1"	41°38'27,2"
CAPIADO(FP/S)	09°51'54,4"	41°48'01,8"
RIACHO DOS PAES(FP/S)	09°49'15,2"	41°45'40,3"
ITAPERÁ(FP/S)	09°45'26,6"	41°56'03,5"
ANDORINHA(FP/S)	09°44'33,7"	41°59'29,4"
ALDEIA(FP/S)	09°47'57,1"	42°03'37,8"
LIMOEIRO(FP/S)	09°48'13,3"	42°03'38,2"
PASCOAL(FP/S)	09°48'19,8"	42°03'37,4"
TOMBADOR DE CIMA(FP/S)	09°52'154,5"	42°05'21,1"
RETIRO DE BAIXO(FP/S)	09°53'38,0"	42°05'42,4"
RETIRO DE CIMA(FP/S)	09°58'03,7"	42°07'22,4"
CAJUÍ(FP/S)	10°02'31,6"	42°12'43,6"
VOLTA DA SERRA(FP/S)	10°06'04,7"	42°11'53,5"
PONTA D'ÁGUA	10°09'07,2"	42°04'49,8"
PORÇÕES	10°11'17,2"	42°02'26,9"
<b>ITAGUAÇU DA BAHIA</b>		
BARREIROS(QUI)	11°07'00,1"	42°21'29,5"
ALEGRE(QUI)	11°09'30,2"	42°21'40,7"
VÁRZEA GRANDE	10°54'31,0"	42°30'43,2"
<b>XIQUE-XIQUE</b>		

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

CARNAÚBA	10°54'19,1"	42°39'13,3"
VICENTE(QUI)	10°37'19,2"	42°40'00,8"
MARRECA VELHA	10°36'29,2"	42°39'35,6"

<b>TABELA DE COORDENADAS - COMUNIDADES TRADICIONAIS (WGS-84)</b>		
<b>RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO – MARGEM ESQUERDA</b>		
<b>PONTOS</b>	<b>S</b>	<b>W</b>
<b>CASA NOVA</b>		
MOSQUITO	09°18'51,5"	40°50'24,4"
POÇO DA PEDRA(FP/S)	09°02'50,3"	41°02'00,0"
ALGODÃO DE BAIXO(FP/S)	09°08'15,8"	41°09'32,7"
TABULEIRO E IPUEIRA(FP/S)		
PINTADO(FP/S)	08°49'27,5"	41°13'23,7"
BARRA CACIMBINHA(FP/S)	08°58'49,5"	41°05'32,7"
VEREDÃO DOS MACENAS(FP/S)		
PAPAGAIO(FP/S)	09°06'49,1"	41°15'19,6"
MALHADOR AÇÚDE DE PEDRA(FP/S)	09°06'19,2"	41°17'26, 2"
AMALHADOR(FP/S)	09°05'06,5"	41°18'50,0"
CURIBONDE(FP/S)	09°05'09,2"	41°21'16,7"
LAGOINHA(FP/S)	09°17'16,4"	41°17'38,4"
MELANCIA(FP/S)	09°18'59,4"	41°17'23,3"
PEDRA DO BATISTA(FP/S)	09°19'16,3"	41°18'47,0"
CACIMBA DO MEIO(FP/S)	09°21'11,9"	41°16'13,1"
RIACHO GRANDE(FP/S)	09°22'27,8"	41°14'30,5"
PAU A PIQUE	09°37'09,3"	41°37'20,4"
BEM BOM	09°37'10,7"	41°48'01,0"
MACAMBIRA	09°19'27,5"	41°44'52,1"
<b>REMANSO</b>		
BARRA(FP/S)	09°19'43,7"	41°59'27,8"
SERROTE(FP/S)	09°16'36,0"	41°58'44,9"
XIQUE-XIQUE(FP/S)	09°24'06,8"	42°03'16,7"
FOLHA MIUDA(FP/S)	09°37'13,1"	42°08'35,2"
VENEZA(FP/S)	09°37'30,4"	42°08'51,7"
VENEZA CENTRO(FP/S)	09°37'35,4"	42°09'14,0"
IGUARAPÉ(FP/S)	09°37'04,4"	42°09'43,9"
LAGOA D'ÁGUA(FP/S)	09°37'59,9"	42°10'08,8"
MELANCIA(FP/S)	09°39'03,7"	42°16'38,7"
VILA APARECIDA(FP/S)	09°41'23,0"	42°12'49,7"
LAGOA DO GARROTE(FP/S)	09°35'22,8"	42°29'57,7"
CALDEIRÃO DO CAFÉ(FP/S)	09°32'08,7"	42°32'06,4"
CALDEIRÃO DO SAL(FP/S)	09°33'36,1"	42°38'11,6"
FAZENDA MARAVILHA(FP/S)	09°42'36,5"	42°29'12,3"
JATOBAZINHO(FP/S)	09°42'39,0"	42°31'38,4"
LAGOA DOS CAMILOS(FP/S)	09°48'52,5"	42°28'51,0"
PONTA DA SERRA II(FP/S)	09°48'12,9"	42°26'28,8"
LAGOINHA	09°42'54,9"	42°44'51,3"

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

BAIÃO(FP/S)	09°44'56,0"	42°35'45,7"
TABULEIRO	09°51'02,9"	42°17'47,8"
MALHADINHA	09°53'46,7"	42°17'41,6"
RIACHINHO	09°55'07,7"	42°21'51,8"

<b>TABELA DE COORDENADAS - COMUNIDADES TRADICIONAIS (WGS-84)</b>		
<b>RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO – MARGEM ESQUERDA</b>		
<b>PONTOS</b>	<b>S</b>	<b>W</b>
<b>PILÃO ARCADEO</b>		
CARNAÚBA	09°58'52,7"	42°32'17,9"
CAMPO GRANDE	09°54'25,6"	42°33'06,8"
LAGOA DO ANSELMO E BAIXÃO	09°52'38,6"	42°45'49,5"
TRÊS CARNAÚBAS	09°44'56,9"	42°45'40,4"
VEREDA DA ONÇA	09°53'13,9"	42°44'04,1"
PASSAGEM	10°04'12,0"	42°25'49,1"
INTENDÊNCIA	09°05'58,4"	43°03'15,0"
POÇO DANTA	09°52'16,1"	43°04'47,8"
BREJO DA SERRA	09°57'59,7"	43°23'03,1"
CAMAÇARI	10°06'35,5"	43°33'04,4"
PEDRA BRANCA I	10°06'39,9"	43°34'20,7"
BAIXÃO DO DAMÁSIO	10°13'23,6"	43°39'08,2"
LAGOA DO SERROTE	10°16'20,6"	43°42'30,9"
<b>BARRA</b>		
CABEÇA DA ILHA(QUI)	10°34'40,4"	42°38'57,8"
FAZENDA SACO(QUI)	10°35'28,0"	42°40'49,1"
BEBEDOURO(QUI)	10°36'41,4"	42°41'47,0"
SAQUINHO(QUI)	10°38'27,6"	42°42'00,7"
SAMBAIBA	10°59'14,6"	43°03'40,7"
PAU D'ARCO	11°03'04,0"	43°07'04,1"

### 15.1. BARRA

O município de Barra dista 650 km da capital do estado da Bahia, Salvador, e, está situada na área de influência direta do reservatório da UHE Sobradinho, na região do Baixo Médio São Francisco. Localização 11° 05' 20" S 43° 08' 31", de clima semi-árido, sua Vegetação é predominantemente do tipo caatinga.

Faz fronteira com os municípios de Pilão Arcado, Buritirama, Mansidão, Wanderley, Muquém do São Francisco, Ibotirama e Morpará. Possui uma extensão territorial de 11.333 Km<sup>2</sup> e uma população urbana e rural de 47.441 habitantes.

Aconteceu que por volta de 1670 um curral foi instalado nas barrancas da barra do rio Grande, no local onde esse rio deságua no São Francisco hoje município de Barra.



**Porto da Barra**

Com a criação do gado e avanço dos currais cada vez mais invadindo o sertão. Seguidos pelos rastros dos sertanistas e vaqueiros com eles vinham os padres catequizar os índios, e, assim foi construída na Fazenda da Barra do Rio Grande uma capela. Capela de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul, no caso, para evitar confusão com o Rio Grande do Norte.

O porto da Barra contribuiu para o crescimento da cidade. A sede da fazenda cresceu e virou arraial e depois foi promovida à povoado por ordem expressa do rei de Portugal. A carta régia foi assinada pelo governador-geral do Brasil, Dom João de Lencastro, em 27 novembro de 1698. Assim, o local passou a ser conhecido oficialmente como Povoação de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul. Um distrito da Vila de Cabrobó, Capitania de Pernambuco.

Novos moradores chegavam do Piauí, Pernambuco, São Paulo e Minas e, também do estrangeiro. Da Holanda vieram os Wan der Ley, da atual Bélgica os Hendel e da Itália os Mariani e Leoni. A população crescia e foi elevada a categoria de Vila.

A economia da Barra girava em torno da criação de gado e da lavoura, do beneficiamento de carnes e de peixes. Desse modo, vaqueiros e lavradores, pescadores e fabricantes de rapadura e de cachaça, conviviam perfeitamente bem com negociantes, caixeiros-viajantes, artesãos e homens de armas. Era, enfim, uma sociedade heterogênea e cosmopolita, pouco afeita a preconceitos. Uma sociedade de nobres e plebeus, escravos e senhores, jovens mulatas e sinhazinhas, que não repudiava nem mesmo os filhos bastardos de padres que, diga-se de passagem, não eram poucos. É notório o grande número de negros no município envolto as suas tradições.

Por mais de setenta anos Barra esteve subordinada, sucessivamente, a Pernambuco e a Minas Gerais. Em 15 de outubro de 1827, quando um decreto assinado em nome de Dom



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

Pedro I, imperador do Brasil, incorporou à província da Bahia a Comarca do Rio São Francisco, com sede na Vila da Barra.

Só em 10 de agosto de 1853, a Igreja transfere a diocese Barra, de Pernambuco para a da Bahia.



**Catedral de São Francisco de Assis**

Uma estrada de ferro ou de rodagem era o grande sonho do povo da Barra. E, em 1859, uma estrada de ferro efetivamente começou a ser construída na região. Infelizmente, uns trezentos quilômetros rio abaixo, em Juazeiro. Só em 1902 o vapor Saldanha Marinho começou a trafegar regularmente entre Pirapora, em Minas Gerais, e Juazeiro, Bahia, passando pela Barra. Melhorou muito. Em todo o caso, a realização do sonho da estrada de rodagem demoraria quase mais um século para se concretizar. Em 16 de junho de 1873 a Barra foi promovida à cidade e em 1913 virou sede de Bispado pelo papa Pio X. Barra conseguiu preservar rico patrimônio arquitetônico e bens patrimoniais imateriais expressados pelas celebrações e ofícios.



**Prédio Neoclássico Séc. XIX**



**Festa Reis – Os Ternos - Ciganas**



**Cerâmica Figurativa**



**Mercado Público da Barra**

Cerâmica N. S. de Fátima

## **15.2. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE BARRA - BA**

### **15.2.1. FAZENDA SACO**

A Fazenda Saco além de remanescente de quilombola é também uma comunidade de pescadores. Essa população vive confinada entre a beira de um braço do rio São Francisco e por dunas que ocupam a parte posterior desse assentamento, a população vive num verdadeiro esconderijo, talvez daí a escolha dos antepassados por esse lugar que, segundo os seus moradores foi ocupado pelos seus antepassados familiares há mais de 100 anos.

É uma comunidade de remanescentes de quilombolas, mas os mesmos não se reconhecem. O assentamento é implantado nas encostas das dunas, escalonado e, as casas obedecem a uma organização espacial que forma ruas paralelas que privilegia a vista do rio. Ao aportar na beira do rio já avistávamos a comunidade como um todo.



**Porto de Fazenda Saco**



**Detalhe construtivo de aberturas**

Há aproximadamente 90 casas e uma população estimada de 500 habitantes. As casas são de taipa ou de tijolo batido fabricado pelos seus donos (barro extraído da beira do rio e depois de moldados secados à luz do sol) e construídas em processo de mutirão comunitário. Percebe-se a solidariedade entre os seus moradores que se reconhecem pelos laços de consangüinidade – “todo mundo aqui é parente” diz o Sr. João Paulo complementando que “quando não é parente, é compadre”. A comunidade consome água in natura do rio. Um agente de saúde atende a três comunidades (Bebedouro, Fazenda Saco e Saquinho) – “o agente não toma a pressão e só faz pesar as crianças e de vez em quando distribui cloro para tratamento da água”. Nenhuma casa possui fossa, “as necessidades são feitas no mato”. Única unidade de ensino é a Escola Municipal da Fazenda Saco, que funciona até 8ª Série do ensino fundamental, possui um banheiro exclusivamente para as

crianças que ali estudam. Nessa escola funciona uma TV comunitária. O programa Luz pra Todos implantou energia solar que é fornecida a toda comunidade e algumas casas possuem TV. Não contam com serviços de telefone público. O sistema de cocção é feito principalmente de lenha e pouco uso do bujão de gás.

As relações são mais intensas com a sede do município de Xique-Xique do que com a sede de Barra, isto deve-se pela proximidade com a travessia do rio, de onde vem o pão duas vezes por semana e por lá se vai a feira semanalmente. Existem três bodegas. Não existe violência nem ocorrência de algum fato trágico que marcasse a comunidade. A ocupação principal é a pesca desenvolvida por homens e mulheres que também cultivam mandioca, milho, feijão de arranque e de corda, melancia, melão, batata, abóbora. Nos quintais se cultiva pimenta e frutíferas como caju e tamarindo e criam-se porco, galinha, bode, cabra, boi e vacas leiteira.

A base alimentar é a mandioca, o feijão e o milho. Existem algumas casas de farinha que se presta a aluguel paga-se 20% pela produção e a lenha é por conta do dono da mandioca (a paga para queima é uma tradição das comunidades tradicionais do sertão).

Exímios artesãos, tecem rede de pesca, balaio de cipó, cofo (samburá) para pegar piranha (“essas atacam jumento boi, vaca”) e o covo para pegar mandim. Produzem esteiras (utilizam processo de pintura da palha de carnaúba enterrada, de 8 a 15 dias, na lama na beira do rio), cerâmicas utilitárias feitas de barro (de forma primitiva, isto é, sem uso de torno com matéria prima extraída na região, na beira do rio), segundo D. Cleonice “quando o rio ta cheio agente não pode pegar barro pra fazer nossos potes”. D. Amália Soares dos Santos faz esteira, cerâmica, toma conta dos filhos e dos netos, cozinha e afirma que trabalha mais do que o homem da casa, que concorda com a mulher.



**D. Amália Santos**



**D. Cleonice**





**Esteiras – palha da carnaúba**



**Cerâmica utilitária – barro da beira do rio**

São muitas as celebrações dessa comunidade. Como padroeira festejam N. S. da Conceição aos 8 de dezembro com festa e procissões inclusive da bandeira que é de tecido sendo o mastro enfeitado de papel colorido. Há missa, barracas, leilões (bode, galinha), samba de roda (pandeiro, triângulo, viola, reco-reco). Mês mariano também é comemorado com a reza de terços, louvores e ladainhas. Santo Antônio e São João também fazem parte das comemorações com direito a fogueira, canjica, milho cozinhado e assado, bolo de mandioca e cuscuz. Festejam e dançam a roda de São Gonçalo que é dirigida pelos guias ou enfrentantes e acompanhada pela caixa (feita de couro de cotia e guardada, como manda a tradição, na igreja), triângulo e violão.



**Igreja de N. S. da Conceição**

Festejam Reis no mês de janeiro. Tocam e dançam Roda de samba com tamborete quadrado com assento revestido de couro. Na quaresma saem os penitentes (alimentação e disciplina com saída do grupo do cemitério) há também a queima de Judas pelas ruas da comunidade. Aos 3 de maio Festa da Santa Cruz procissão que sai da igreja e vai até um cruzeiro antigo do outro lado das dunas, que fora criado para marcar a chegada da comunidade no local, cantam e voltam, também em procissão para igreja. Aos mortos são feitas as homenagens no velório com as incelências (ou excelência – diz-se da cantiga de velório em uníssono sem acompanhamento instrumental), reza do terço, os benditos com direito a café, chá, comida e até cachaça para “beber o defunto”. Aos sete dias realiza-se a visita de cova e repete-se as rezas e os cânticos em homenagem ao falecido com o

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

fechamento de um lanche ou almoço servido aos presentes. No carnaval a festa fica por conta do mela-mela, molha-molha dos homens travestidos de mulher, saída dos caretas (máscaras feitas de cabaça, cuias, pintadas. Usa-se também o jornal e papel comum para confecção de máscaras).



**Antenor Valdevino e João Ribeiro**



**Meninos do rio**

Existe um salão ou terreiro para os festejos do candomblé administrado pelo Pai de Santo Rodolfo, que não mora na comunidade. A filha de Santo Marinete (tece rede, tarrafa e é pescadora) é quem toma conta do salão. Festejam-se os santos Cosme e Damião, Iemanjá, Oxum, se cultuam ainda Omolu, Índio, vaqueiro ou boiadeiro, Preto Velho, Pombagira, ogun.



**Marinete – Filha de Santo**



**Adolescentes da Fazenda Saco**

Os aparecimentos de animais silvestres nas vizinhanças dessas comunidades denunciam o grau de conservação da natureza e a sustentabilidade ambiental do lugar. O que não quer dizer que indivíduos da comunidade não pratiquem a caça. No entanto é interessante o registro pelos entrevistados de animais ainda encontrados ou avistados que aparecem na região como onça, jacaré, cágado, veado, seriema, codorna, mergulhão. Piranha, mandim, acari, surubim.

## **15.2. BEBEDOURO**

A comunidade de Bebedouro se parece muito fisicamente com a comunidade da Fazenda Saco. É uma comunidade tipicamente de pescadores ribeirinhos. Com população, em sua maioria, constituída de negros, essa comunidade denuncia ser remanescente de quilombolas. Essa população vive confinada entre a beira de um braço do rio São Francisco e por dunas que ocupam a parte posterior do assentamento. Pelas informações obtidas não sabem há quantos anos ocupam aquele lugar, comentou-se entorno de 90 anos. Tal qual a Fazenda Saco a população vive num verdadeiro esconderijo.

O assentamento é implantado nas encostas das dunas, escalonado e, as casas obedecem a uma organização espacial que privilegia a vista do rio.



**Vista parcial de Bebedouro**

Há aproximadamente 60 casas e uma população estimada de 300 habitantes. As casas são de taipa ou de tijolo batido fabricado pelos seus donos e construídas em processo de mutirão comunitário. Percebe-se a solidariedade entre os seus moradores que se reconhecem pelos laços de parentesco próximo.

A comunidade consome água in natura do rio. Um agente de saúde atende a três comunidades (Bebedouro, Fazenda Saco e Saquinho) que de vez em quando distribui cloro para tratamento da água”. Nenhuma casa possui fossa. As necessidades são feitas no mato. Única unidade de ensino é a Escola Municipal de Bebedouro, que funciona até 4ª Série do ensino fundamental ali funciona uma TV comunitária. Apenas 5 casas possuem energia solar. A comunidade conta com telefone público (74. 3662.2856). O sistema de cocção é feito principalmente da lenha e pouco uso do bujão de gás ou carvão.



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

As relações com a sede municipal de Barra são esporádicas, entretanto se estabeleceu vínculo mais forte com a sede municipal de Xique-Xique, pela proximidade com a travessia do rio. Existem bodegas. Há mais de 10 anos ocorreu um homicídio “de pessoa de fora que matou uma daqui” enfatiza Sr. Josias, fato isolado pois a comunidade não é violenta nem registra outras ocorrências como roubo, violência contra a mulher – e conclui: “a maioria é família”.

A ocupação principal é a pesca desenvolvida por homens e mulheres sendo a maioria filiados a Colônia de Pescadores de Xique-Xique. Cultivam também mandioca, milho, feijão de arranque e de corda, melancia, abóbora. Nos quintais se cultivam frutíferas como caju, mamão, serigüela, limão, laranja, coco, tamarindo, goiaba, manga e criam-se porco, galinha, bode, cabra, ovelha, boi e vacas leiteira. Colhem mel para o consumo.



**Prensa – canoa e rio**



**Eufrásia Barauna**

A base alimentar é a mandioca, o feijão e o milho. O pessoal aqui não usa muito pão, usa mais cuscuz de milho. Existem duas casas de farinha que se presta a aluguel, paga-se 20% pela produção de farinha e a lenha é por conta do dono da mandioca (a paga para queima é uma tradição das comunidades tradicionais do sertão). Produz-se a farinha, a crueira (resto da mandioca que serve de alimento para os animais de criação), a puba (para confecção de bolos, cuscuz), a goma, a borra.

Artesãos tecem rede e tarrafa de pesca (entre R\$ 10 e R\$ 30 reais o quilo, a depender da linha se grossa ou fina). Tecem balaio de cipó, cofo e covo.



**Igreja de São Crispin**

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

---

Destacam-se entre as celebrações a festa do padroeiro São Crispin comemorado no dia 25 de outubro com missa, batizado, alvorada (existem várias formas de celebrar a alvorada – fogos pela manhã com rezas), batuque (samba de roda com caixa guardada na igreja). Celebram o mês de maio com a reza de terços, louvores e ladainhas. Festas juninas, Santo Antônio e São João, fazem parte das comemorações com direito a fogueira, canjica, milho cozinhado e assado, pamonha, bolo de milho, mungunzá ou mingau. Celebram de vez em quando a roda de São Gonçalo.

Festejam Reis só no primeiro dia de janeiro – saem os bichos, besta, boi, caipora, mula sem cabeça e a batucada. Na quaresma saem os penitentes (alimentação e disciplina com saída do grupo do cemitério seguindo para a igreja), também rasgam e queimam o Judas pelas ruas. Aos mortos são feitas as homenagens no velório com as incelências (ou excelência), reza do terço, os benditos com direito a café, chá, comida e até cachaça para “beber o defunto”. Aos sete dias realiza-se a visita de cova. No carnaval a festa fica por conta do mela-mela, molha-molha. Brinca-se de cantigas de roda, quebra pote e existe um campo de futebol.

Essa comunidade possui uma Associação de Moradores e tem como presidente o Sr. Valdiney Borges dos Santos.



**D. Bejanira – peneirando a borra da mandioca**



**Célio Marques – queima da farinha**

Existe um “salão” de dança que toca de tudo ao custo de R\$ 3,00 a entrada. Não existe terreiro para os festejos do candomblé.



**Passa tempo dentro da casa de farinha**



**Josias Souza**

Registrou-se como animais ainda encontrados ou avistados que aparecem na região jacaré, cágado, raposa, seriema, codorna, mergulhão, e variedade de cobras coral, cascavel, jararaca, jibóia, verde, cipó, sucuri.

Os aparecimentos de animais silvestres nas vizinhanças dessas comunidades denunciam o grau de conservação da natureza e a sustentabilidade ambiental do lugar. O que não quer dizer que indivíduos da comunidade não pratiquem a caça.

### **15.3. CABEÇA DA ILHA**

A comunidade de Cabeça da Ilha tem uma população de aproximadamente 250 habitantes que ocupam 38 casas. Com população em sua maioria constituída de negros essa comunidade denuncia ser remanescente de quilombolas. Essa população vive confinada entre a beira de um braço do rio São Francisco e por dunas que ocupam a parte posterior do assentamento. Pelas informações obtidas não sabem ao certo quantos anos ocupam aquele lugar, comentou-se entorno de 90 anos. Tal qual a Fazenda Saco a população vive num verdadeiro esconderijo.



**Vista parcial de Cabeça da Ilha**

A época da enchente do rio São Francisco na região entre os meses de novembro a fevereiro essa comunidade fica ilhada permitindo-se acessá-la apenas de barco. Recordam as cheias de 79 e 82 que os obrigaram a sair do lugar quando foram destruídas suas casas e depois reconstruídas quando “tivemos que fazer outras lamas” justificando a tipologia dominante das construções das casa. O retorno se deveu à presença do rio que garante a



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

pesca e toda higienização das pessoas (lavagem de pratos, panelas, roupas, banho e diversão).



Uso do rio pela população



Outros usos

O assentamento é implantado nas encostas das dunas na sua base plana. Todas as casa possuem suas fachadas frontais para o rio. Há aproximadamente 38 casas e uma população estimada de 250 habitantes. As casas são de taipa ou de tijolo batido fabricado pelos seus donos e construídas em processo de mutirão comunitário. Percebe-se a solidariedade entre os seus moradores que se reconhecem pelos laços de parentesco próximo, normalmente casam-se entre si.

A comunidade consome água in natura do rio, sem tratamento algum. Não conta com os serviços de agente de saúde do município. Nenhuma casa possui fossa as necessidades são feitas no mato. Única unidade de ensino é a Escola Municipal de Cabeça da Ilha, que funciona até 3ª Série do ensino fundamental. Apenas 4 casas possuem energia solar que as instalaram por conta própria as demais usam candeeiro ou velas. A comunidade conta com telefone público (74. 3662.3530).



Crianças de Cabeça da Ilha



Mãe e filha

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

Apesar de pertencer ao município da Barra se estabeleceu vínculo mais forte com a sede municipal de Xique-Xique, pela proximidade com a travessia do rio. Existem 3 bodegas que vendem de “tudo”. Não há registro de violência.

A ocupação principal é a pesca desenvolvida por homens e mulheres sendo poucos filiados a Colônia de Pescadores de Xique-Xique. Artesãos tecem rede e tarrafa de pesca e também balaio de cipó, cofo e covo. Cultivam também mandioca, milho, feijão de corda, melancia, abóbora. Nos quintais se cultivam frutíferas como caju, mamão, banana, limão, coco, tamarindo, goiaba, pinha e acerola e justificam que “a terra não é boa ... é fraca, não ajuda nem pra hortaliças”. Plantam algumas ervas medicinais e quando adoecem são tratados em Xique-Xique. Dentre suas ocupações encontra-se os trabalhos de roçagem, derrubar mato e plantar capim. Poucos animais de criação resumidos a galinha e bode – “aqui só se come peixe”. Alguns colhem mel para o consumo.

A base alimentar é a mandioca, o feijão e o milho. A população não usa pão, usa mais cuscuz de milho. Existe uma casa de farinha que se presta a aluguel, paga-se 20% pela produção de farinha e a lenha é por conta do dono da mandioca (a paga para queima é uma tradição das comunidades tradicionais do sertão). Produz-se a farinha, a crueira (resto da mandioca que serve de alimento para os animais de criação), a puba (para confecção de bolos, cuscuz), a goma, a borra.



Casa de farinha – vista externa



Casa de farinha – vista interna

Destaca-se entre as celebrações a festa do padroeiro Bom Jesus do Senhor dos Passos comemorado no domingo de Páscoa com procissão. Rasgam e queimam o Judas e há ocorrência de um grupo de penitentes na comunidade.

Há ainda o batuque (samba de roda com caixa e triângulo guardados na igreja). Existe uma igreja evangélica Assembléia de Deus. Não existe terreiro para os festejos do candomblé.





**Igreja do Bom Jesus do Senhor dos Passos**



**Sílvio Soares - Penitente**

Aos mortos são feitas as homenagens no velório com as incelências (ou excelência), reza do terço, os benditos com direito a café, chá, comida e até cachaça para “beber o defunto”. Aos sete dias realiza-se a visita de cova.



**Pescadores**



**Marinete Soares – Líder Comunitária**

Não existe Associação de Moradores Marinete Soares tem desempenhado o papel de representante da comunidade.

Como animais avistados foi informado pelos entrevistados que aparece na região jacaré (que destrói as redes), raposa, gato do mato, vários tipos de cobras, bicudo, barbeiro, escorpião.

#### **15.4. SAQUINHO**

Saquinho é uma comunidade remanescente de quilombola e de pescadores. Compara-se fisicamente às comunidades da Fazenda Saco e Bebedouro. Essa população vive confinada entre a beira de um braço do rio São Francisco e por dunas que ocupam a parte posterior do assentamento daí observamos que os mesmos vivem num verdadeiro esconderijo. O

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

assentamento é implantado nas encostas das dunas, escalonado e, as casas obedecem a uma organização espacial que privilegia a vista do rio.

Diferencia-se pelo maior número de agricultores apesar de possuir pescadores. Com população em sua maioria constituída de negros essa comunidade denuncia ser remanescente de quilombolas pelas formas de viver e de manter as tradições. Pelas informações obtidas não sabem há quantos anos ocupam aquele lugar, comentou-se em quase 100 anos.



Vista parcial de Saquinho

Há aproximadamente 60 casas para uma população estimada de 300 habitantes. As casas são de taipa ou de tijolo batido fabricado pelos seus donos e construídas em processo de mutirão comunitário. Percebe-se a solidariedade entre os seus moradores que se reconhecem pelos laços de parentesco próximo.

A comunidade consome água in natura do rio. É atendida pelo mesmo agente de saúde das comunidades de Bebedouro, Fazenda Saco e Saquinho que de vez em quando distribui cloro para tratamento da água. Nenhuma casa possui fossa. As necessidades são feitas no mato. Única unidade de ensino é a Escola Municipal de Saquinho, que funciona até a 6ª Série, este ano só funcionará até a 5ª Série – a professora vem da Barra e passa 20 dias na comunidade. Na escola funciona uma TV comunitária. Algumas casas tem energia a motor e solar porém a maioria usa mesmo é o candeeiro com a tirada ou pavio feito pelos próprios moradores do algodão produzido na região. A comunidade conta com telefone público (74.3662.9001). O sistema de cocção é feito principalmente com a queima da lenha, pouco uso do bujão de gás e carvão – “usa-se o bujão uma vez perdida. Bujão tem ... mas seco”.

As relações com a sede municipal de Barra são esporádicas, entretanto se estabeleceu vínculo mais forte com a sede municipal de Xique-Xique, pela proximidade com a travessia do rio. Existem 4 bodegas. Há mais ou menos 20 anos ocorreu um homicídio cometido por uma pessoa de fora que matou uma outra que não era do lugar segundo os entrevistados. A

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

---

comunidade não é violenta nem registra outras ocorrências como roubo, violência contra a mulher – e conclui: “a maioria é família”.

Cultivam milho, batata doce, abóbora, melão, banana, melancia e cana, pouco feijão e mandioca que representa a principal sustentação das famílias através dos seus derivados, farinha, puba (cuscutz de mandioca que serve pra fazer bolos, tapiocas, outros), beiju (bolo de massa de mandioca), tapioca, cuscutz, goma, bolo e dos animais de criação através da crueira (resíduos grossos da fabricação da farinha de mandioca que não passam na peneira ou urupema). Existem 2 casas de farinha – a comunidade paga 20% para queima e produção de farinha.

Nos quintais se cultivam frutíferas como banana, manga, acerola, serigüela, limão, pinha, romã, mamão e cria-se porco, galinha, bode, cabra, ovelha, boi e vacas leiteiras. Queimam carnes e peixes salgados ao sol.



**Entrevistados**



**Casa de Farinha**

O pessoal aqui não usa muito pão, usa mais cuscutz de milho. Artesãos tecem rede e tarrafa de pesca (entre R\$10 e R\$ 30 reais o quilo, a depender da linha se grossa ou fina). Tecem balaio de cipó, cofo e covo. As mulheres plantam, pescam, confeccionam esteiras com palha de carnaúba e panelas e potes de barro.



**Igreja de N. S. do Rosário**

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

Destacam-se entre as celebrações a festa da padroeira N. S. do Rosário comemorado no dia 06 de outubro com missa, batizado, procissão, às vezes casamentos, alvorada com início às 05 horas da manhã com rezas). A festa profana se estende com o samba de roda (é usada a caixa que é guardada na igreja). Celebram o mês de maio com a reza de terços, louvores e ladainhas. Festas juninas, Santo Antônio e São João, fazem parte das comemorações com direito a fogueira, quadrilha, canjica, milho cozinhado e assado, pamonha, bolo de milho, mungunzá ou mingau. Celebram de vez em quando a roda de São Gonçalo (caixa, viola e pandeiro).

Festejam Reis só no primeiro dia de janeiro – saem os bichos, besta fera, boi, caipora, mula sem cabeça, a lagartixa, a batucada – “o boi morre depois renasce”. Na sexta-feira da paixão saem os penitentes (alimentação e disciplina, 150 e 45 pessoas respectivamente), com saída do grupo do cemitério seguindo para a igreja todos mascarados, com mortalhas – na frente seguem as pessoas seguram velas e candeeiros, todos rezam e entoam cânticos. Para Sr. Joaquim Rodrigues de Jesus mestre dos penitentes há mais de 40 anos é preciso ter ordem e disciplina na escolha do grupo: “cada um passa por uma aprovação”, e conclui: “Os penitentes entram na igreja que se encontra vazia e continuam os cânticos e rezas ao encerrar vão tomar banho no rio e depois seguem para suas casas”. Também rasgam e queimam o Judas pelas ruas.



**Sr. Joaquim de Jesus – Mestre dos Penitentes**



**Nilo Gonçalves – representante de Saquinho**

Aos mortos são feitas as homenagens no velório com as incelências (ou excelência), reza do terço, os benditos com direito a café, chá, comida e até cachaça para “beber o defunto”. Aos sete dias realiza-se a visita de cova e repete-se as homenagens ao falecido. No carnaval a festa fica por conta do mela-mela, molha-molha. Não existe terreiro de candomblé.

Como animais avistados foi informado pelos entrevistados que aparece na região jacaré, cágado, raposa, seriema, codorna, mergulhão, e variedade de cobras coral, cascavel, jararaca, jibóia, verde, cipó, sucuri.

## **16. ITAGUAÇU DA BAHIA**

Este município foi criado com território desmembrado do Município de Xique-Xique, sendo na Vila de "Tiririca do Bode" e nome de "Itaguaçu da Bahia", pela Lei Estadual nº 4.839, de 24/02/1989, e instalado em 25/02/1989. Dista 544 km da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia e possui uma área territorial de 4.396 km<sup>2</sup> com população estimada em 8.713 habitantes.

## **17.. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE ITAGUAÇU DA BAHIA - BA**

### **17.1. ALEGRE**

Essa comunidade é uma das mais antigas do município de Itaguaçu deu origem a sua vizinha comunidade quilombola de Barreiros (que já é reconhecida). É uma comunidade exclusiva de agricultores e dista aproximadamente 20 km da sede municipal e apesar da relativa proximidade essa comunidade vive isolada. Falou-se que a área de ocupação da comunidade era muito grande, mas com tempo foram se apossando: "apareceu muito dono da terra, chegavam dizendo que haviam comprado a posse e depois tomavam tudo" diz D. Cirlene Ferreira da Silva Gomes, presidente da Associação das Mulheres de Alegre (única associação de gênero encontrada na região). O aspecto da comunidade é de muita pobreza até porque nesse período não choveu na região e a comunidade foi castigada pela longa estiada: "o tempo se armava mas, água não caía aqui. Perdemos tudo que foi plantado", explica o Sr. João Souza da Silva. Para os moradores desse lugar essa área tem sido ocupada pelos seus antepassados familiares há mais de 100 anos.





**Vista parcial**

Apesar de conviverem há apenas 9 km de distância da comunidade de Barreiros, Alegre não se organizou em torno de uma associação quilombola, se aceitam e se identificam, reconhecem que perderam muito pela falta de organização. Segundo relato do Sr. João essa comunidade deveria ser reconhecida antes mesmo da Barreiros pois, foi aqui o primeiro assentamento, o pessoal saiu daqui para lá – e justifica – lá a comunidade cresceu”. Sr. João ainda fala que não possuem o título de posse da terra que ocupam e que ainda continuam sendo ameaçadas pelos vizinhos fazendeiros.

Há precisamente 33 casas contadas e conferidas pelo grupo entrevistado e aproximadamente 150 pessoas entre crianças, adultos e idosos. As casas são de taipa ou de tijolo batido fabricado pelos seus donos (barro extraído da beira do rio e depois de moldados secados à luz do sol) e construídas em processo de mutirão comunitário. Percebe-se a solidariedade entre os seus moradores que se reconhecem pelos laços de consangüinidade – “discussão aqui é pouca, aqui tudo é parente” relata D. Cirlene e conclui que o Sr. João é o conselheiro e barra as possíveis brigas. A comunidade conta com abastecimento d’água encanada e não são servidos por energia elétrica nem contam com serviços de telefônico público. Não são assistidos por nenhum tipo de agente de saúde. Nenhuma casa possui fossa as necessidades são feitas no mato. Única unidade de ensino é a Escola Municipal Firmino Pereira Gomes que oferece o ensino fundamental 1ª a 4ª Série. Salgam a carne e criam galinha, bode e porco principalmente. Plantam a mandioca, feijão, algodão, melancia, milho. Nos quintais se cultiva pimenta e frutíferas como caju e tamarindo e plantas medicinais.



**Sr. João Souza**



**Adolescentes de Alegre**

Existe apenas uma bodega. A base alimentar é a mandioca, o feijão e o milho. Uma casa de farinha que se presta a aluguel paga-se um saco a cada três produzidos, o dono é responsável pela lenha (a paga para queima é uma tradição das comunidades tradicionais do sertão). Produz-se a puba, beiju, a farinha, a goma. O sistema de cocção é feito através principalmente da lenha e pouco uso do bujão de gás.

Celebram Reis no mês de janeiro e pela tradição “quem toca nos tamboretos são as mulheres” diz Sr. João, usa-se o prato e acolher, o pandeiro, triangulo e a caixa vem de Barreiros. Festejam os santos do mês de junho Santo Antônio, São João e São Pedro com fogueira, canjica, milho cozinhado e assado, bolo de mandioca e cuscuz. Festejam e dançam a roda de São Gonçalo que é dirigida pelos guias ou enfrentantes e acompanhada pela caixa.

Na quaresma saem uma semana antes da Semana Santa todos juntos para acender uma vela no cemitério canta os benditos e as incelenças, reza-se o terço. Aos mortos são feitas as homenagens no velório com as incelências (ou excelência, reza do terço, os benditos e serve-se café, chá, comida e até cachaça para “beber o defunto”. Aos sete dias realiza-se a visita de cova e repete-se as rezas e os cânticos em homenagem ao falecido com o fechamento de um lanche, café ou almoço servido aos presentes. No carnaval a festa fica por conta do mela-mela, molha-molha).



**Escola da Comunidade de Alegre**

Existe um campinho de futebol, jogam dominó, bola de gude, baralho, tomam banho no rio e pescam. Como animais avistados citaram o tatu peba e bola, macaco, jibóia, coral, cascavel, jararaca, cobra preta.

## **17.2. BARREIROS**

Ao contrário de Alegre, Barreiros é uma comunidade de quilombola reconhecida e já em processo de demarcação o reconhecimento se operou pela Fundação Palmares, tendo sido divulgado no Diário Oficial da União, DOU, em 20 de janeiro de 2006. Todo esse processo contou com a ajuda da Pastoral da Terra, Diocese da Barra e apoio do deputado federal Luiz Alberto, secretário executivo da Secretaria da Desigualdade Racial do Estado da Bahia. A distância entre Barreiros e a sede municipal é de 17 km e paga-se sete reais para ida e volta em caminhonete em estrada carroçável.



**Vista parcial**



**Grupo entrevistado**

As entrevistas aconteceram em grupo tendo a frente os Senhores Valdir Pereira Gomes, presidente do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Quilombola de Barreiros e do Sr. Raul Sirino Silva representante estadual do Movimento Quilombola da Bahia. Foram estes que informaram a origem do lugar como sendo a comunidade de Alegre. “Chegamos aqui e agora somos mais de dez vezes maior do que lá” diz o Sr. Raul. Os motivos pela



**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

saída de Alegre não se sabe ao certo, mas, estimulados admitem que poderia ter sido pela busca da garantia a terra, mais fértil e fuga às pressões de grileiros.



**Sr. Raul Sirino**



**Sr. Valdir Pereira**

Barreiros conta com aproximadamente 400 casas e 3.000 habitantes. Constroem suas casas com o uso do tijolo batido fabricado pelos seus donos. Agricultores por excelência plantam com destaque o algodão e a mamona, e também mandioca, milho, feijão de corda, andu (tipo de feijão, grãos menores que o feijão comum), melancia de irrigação, batata doce, abóbora, melão, tomate, pimentão, cebola e nos quintais graviola, coentro, pinha, serigüela, goiaba, coco, limão, laranja, umbu (preparam a umbuzada, o doce e a cocada), manga, cana, caju. Plantas medicinais como mastruço, erva-cidreira, hortelã, erva-doce, agrião.



**Sra. Erisete Souza**



Uma das principais culturas é a mandioca que é beneficiada por duas casas de farinha que serve a todos que pretendam “queimar a farinha” o sistema de paga, único encontrado na região, é a balança e cobra-se 15% do produzido. Dali saem as mais diversas variedades de possibilidades desde a puba, goma, raspa e crueira até a massa para bolos, beiju e cuscuz. Vendem a raspa aos fazendeiros dos arredores que têm bichos de criação. Para o Sr. Belmiro Pereira Gomes, que cultiva, colhe e descarrega a produção do algodão é vendida ao

**INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO**

---

atravessador, “antigamente o povo fiava o algodão, faziam a “muçunga” (vela para candeeiro) e renda – minha mãe fiava”.



**Sr. Belmiro Pereira**

Criam-se galinhas, bodes, ovelhas e um maior número de criação de gado. Criam ainda papagaios, periquitos, cachorros.

Barreiros é servida por uma padaria na fabricação de pães. A base de cocção de toda comunidade é a lenha muito raramente se usa o botijão de gás. Quatro bodegas abastecem a comunidade com gêneros de primeiras necessidades.

A comunidade é abastecida com água encanada sem tratamento e não recebe hipoclorito de sódio da secretaria de saúde do município apesar de contar com dois agentes de saúde. É servida ainda com energia elétrica e poucas casas possuem fossa sanitária, “a maioria faz suas necessidades no mato”, diz o Sr. Raul que informa que o governo estadual passado enviou 63 sanitários para casas mais foi uma ação eleitoreira que prometia atender a todas as outras depois da eleição era o Programa Pró-Sanear do Governo Estadual, conclui.

Há na comunidade quatro escolas Escola Municipal Princesa Izabel só para alfabetização, as Escolas Municipais João Pereira Gomes e Ney Carvalho até a 4ª Série e o Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães até a 8ª Série. Conta também com um posto de saúde que funciona de segunda a sexta-feira.

Existem três Igrejas Evangélicas e uma Igreja Católica de N. S. Aparecida, padroeira de Barreiros que tem sua festa no dia 12 de outubro com procissão, missa, alvorada, batizados e casamentos.

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

Sobre os festejos comemora-se Reis durante todo mês de janeiro. A festa é acompanhada por uma caixa (confeccionada com couro de caititu “que é o melhor”, e, guardada na igreja), triangulo, prato de ágate e colher de pau e palmas dos participantes. É com saudosismo que se ouve do Sr. Raul que “antes tinha o boi, a mulinha, o violeiro...” e que “é importante esses festejos, mas, os jovens não gostam...”. Nos dias 24 e 29 de junho festejam-se São João e São Pedro, respectivamente, além das tradicionais comidas de milho celebra-se a brincadeira das argolinhas com cavalos (é um pouco do restou das cavalhadas).



Igreja N. S. Aparecida

Existe muitas que rezam mais de todos o que mais se destaca é o Sr. Gérson Queiroz que “com a ordem de Jesus Cristo reza quebranto, opera, passa remédio, cura com as mãos. Já nasci com o dom para essa missão...”. Típico curandeiro do sertão, diz receber ou incorporar dezoito médicos.

Sobre violência o Sr. Valdir registra: “a comunidade não é violenta há de vez em quando umas desavenças por roubo de galinha, gente que faz isso pra tomar cachaça. Todos aqui são parentes, compadres... teve uma morte há mais ou menos quinze anos”. Falou-se ainda de um costume ainda em uso pelos moradores na época de calor, dormem com as portas das casas abertas.



Curandeiro Gérson Queiroz

Registrou-se como animais ainda encontrados ou avistados que aparecem na região os caititu, tatu peba e bola, tatu galinho verdadeiro, preá, cotia, codorna, perdiz, seriema, ema, onça, raposa, muitas cobras como jibóia, cascavel, cainana, jacaré, registraram ainda o aparecimento de duas lontras.

Os representantes de Barreiros se admiraram (isto ocorreu em outras comunidades) de nunca terem sido procurados para uma pesquisa como esta, “com tanta pergunta”.

### **17.3. REMANSO**

O território do município de Remanso estava situado em terras pertencentes ao Conde da Ponte, e posteriormente, com a divisão administrativa do Brasil em províncias, passou a fazer parte da Província de Pernambuco. Seu ponto de origem foi a fazenda Arraial, onde se abrigavam os fugitivos das lutas armadas travadas em Pilão Arcado, em fins do século XVIII. Isso fez aumentar o núcleo existente às margens do São Francisco, no local onde um grande remanso formava um seguro porto de atracação. O sítio, com seus terrenos férteis e vegetação adequada à criação do gado, atraiu novos moradores, que formaram rapidamente o arraial de Nossa Senhora do Remanso. Com a transferência da sede da vila de Pilão Arcado para o arraial do Remanso, em 1857, foi criado o município com o nome de Vila de Nossa Senhora do Remanso do Pilão Arcado. Em 1900, essa denominação foi simplificada para Remanso. Em 1974, a sede foi transferida para a localidade de Nova Remanso, especialmente construída pela CHESF, distante 7 km da sede velha, encoberta pelas águas do lago de Sobradinho. Remanso possui uma população de 37.639 para um território de 4.694 km<sup>2</sup> se encontra a km de distância da capital do estado, Salvador.

## **18. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE REMANSO - BA**

**BARRA  
SERROTE  
XIQUE-XIQUE  
FOLHA MIUDA  
VENEZA  
VENEZA CENTRO  
IGUARAPÉ  
LAGOA D'ÁGUA  
MELANCIA  
VILA APARECIDA  
LAGOA DO GARROTE  
CALDEIRÃO DO CAFÉ  
CALDEIRÃO DO SAL  
FAZENDA MARAVILHA**

**JATOBAZINHO  
LAGOA DOS CAMILOS ANTIGO BROCO  
PONTA DA SERRA II  
LAGOINHA  
BAIÃO  
MALHADINHA  
RIACHINHO**

### **18.1. PILÃO ARCADEO**

O município de Pilão arcado dista 740 km da capital do estado da Bahia, Salvador, e, está situada às margens do lago do reservatório da UHE Sobradinho, na região do Baixo Médio São Francisco. Localização 10° 00' 10" S 42° 30' 14" de clima semi-árido, sua Vegetação é predominantemente do tipo caatinga.

Fundada em 1810, tem como fronteira os municípios de Remanso, Campo Alegre de Lourdes. Possui uma extensão territorial de 11.700 Km<sup>2</sup> e uma população urbana e rural de 29.803 habitantes, estimados em 01.07.2006 pelo IBGE.

Conta a tradição local que a denominação está ligada a uma lenda de pescadores que encontraram um pilão, com formato de uma curva em arco, em uma das margens do rio São Francisco, e passaram a utilizá-lo para pilar o sal que salgava o peixe. Pilão Arcado originou-se de um arraial fundado, em fins do século XVII, por ordem do vice-rei D. João de Lencastre, com a finalidade de acabar com os constantes ataques dos índios mocoazes e acoroazes às fazendas de gado da região. O município, então em terras da Província de Pernambuco, foi criado em 1810, com a denominação de Vila do Pilão Arcado. Em 1824, devido as revoltas separatistas dos pernambucanos contra o Império, passou a integrar a Província de Minas Gerais. Em 1827, juntamente com todo o Além São Francisco, passou à administração da província da Bahia. Em 1857 foi extinto como município, integrando então o território de Vila de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcado. Em 1890, foi desmembrado de Remanso. A sede foi elevada à categoria de cidade em 1938. Em 1973, devido a implantação da Barragem de Sobradinho, no rio São Francisco, a sede foi transferida para local distante 62 km da sede velha.

### **19. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE PILÃO ARCADEO - BA**

**LAGOA DO ANSELMO E BAIXÃO**

**TRÊS CARNAÚBAS  
VEREDA DA ONÇA  
INTENDÊNCIA  
POÇO DANTA  
BREJO DA SERRA  
CAMAÇARI  
PEDRA BRANCA I  
BAIXÃO DO DAMÁSIO  
LAGOA DO SERROTE**

### **19.1. SOBRADINHO**

A origem do município de Sobradinho está ligado a antigo povoado indígena da tribo Tamoquim e começou na localidade chamada Serrote da Aldeia. Com a chegada dos portugueses, no final do século XVI, surgiu a Fazenda Tatuí, que em tupi-guarani, significa flecha de fogo.

Dista aproximadamente de km de Salvador, capital do estado baiano. Está localizado W 09º 27' 19" e S 40º 49' 24", possui uma área de 1.328,45 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 21.411 habitantes.

Em 1973, o Ministério das Minas e Energia iniciou, no então distrito de Sobradinho, pertencente ao município de Juazeiro, a 46 Km da sua sede, a construção da Barragem de Sobradinho, visando regularizar e garantir uma vazão mínima do rio São Francisco, para aproveitamento otimizado das turbinas das usinas de Paulo Afonso e Moxotó.

Foi formado o maior lago artificial do mundo (4,2 mil Km<sup>2</sup> em espelho d'água), A barragem alterou profundamente o Baixo Médio São Francisco, particularmente as áreas desocupadas para a criação do lago. Além das modificações geográficas, ocorreram transformações de grande impacto socioeconômico-cultural. Dotada de toda uma infra-estrutura urbana (que serviu de acampamento para se construir a barragem), em 1989, deu-se a criação e emancipação do município de Sobradinho, desmembrando-se do município de Juazeiro.

## **20. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE INDÍGENA - MUNICÍPIO DE SOBRADINHO - BA**

### **20.1. TRIBO CAMIXÁ TRUKÁ DA BAHIA**

A origem da Tribo Camixá Truká, localizada no município de Sobradinho, estado da Bahia, têm início no município de Cabrobó, estado de Pernambuco precisamente na Ilha de Assunção no Médio São Francisco. Estão estimados em 3.463 indivíduos e têm como seu território com uma superfície de 5.769ha.

A aldeia da Assunção foi fundada provavelmente em 1722, e ficava situada em uma grande ilha com esse mesmo nome (Costa Jr. 1942). Em 1761, de uma simples aldeia de índios, originalmente situada na extremidade ocidental da ilha, prosperou tanto que teve o predicamento de paróquia. No entanto em 1789 sua população constava apenas 400 pessoas, e uma grande enchente que ocorreu em 1792, derrubou e arruinou todas as casas da vila, invadida pelas águas, deixando sem o menor vestígio, entre outros, a Câmara Municipal (Galvão, 1908).

Nos últimos anos do regime monárquico, com relação a Pernambuco, foram registrados atos administrativos visando à extinção dos aldeamentos indígenas. No entanto, o aldeamento Assunção sobreviveu até ao advento da república.

A ancestralidade dos Camixás Truká da Bahia está relacionada ainda a conflitos internos e a pressões externas promovidas por grileiros. O conjunto desses fatores contribuiu para que ocorresse uma divisão interna na “Tribo Mãe” e promovesse uma fragmentação e fragilidade naquela tribo.

Durante muitos anos esses índios que viviam na comunidade Truká, Cabrobó, dividiram-se entre dois grupos bastante distintos, ou sejam: aqueles que mantinham e conservavam as suas tradições e aqueles que não se identificavam e até mesmo resistiam não respeitando suas origens e identidade, esse grupo criticava com xingamentos aqueles que acreditavam em suas crenças, ofícios e celebrações. Há registros através da oralidade que o índio Arcilon Ciriaco da Luz, era taxado de doido por colocar em prática os modos de viver da tribo.

Contam os remanescentes da Tribo Truká, que essa história é muito recente e que foram por eles vivenciadas. Este documento registra fatos e acontecimentos notáveis que não fazem parte da literatura e foram obtidos através de entrevistas realizadas na própria tribo no município de Sobradinho, Bahia.

Atualmente a tribo Truká é liderada pela Cacique Rita Prosperina da Silva Barbalho, 43 anos, viúva, que há 25 anos deixou, sua Tribo Mãe, Cabrobó - Pernambuco acompanhando seus irmãos e parentes, liderados pela sua mãe Prosperina Maria da Silva, Dona Bia, esposa do líder indígena Antônio Amâncio da Silva, conhecido na região como Antônio Bingô, assassinado em 2 de novembro de 1981 no cemitério da Tribo.





**Cacique Rita Prosperina**



**Índia Antônia Dias**

A cacique Rita, conta que a sua avó, chamada de vovó Ciaca, foi pega índia braba, ainda selvagem e que a Ilha de Assunção foi tomada pelos brancos tendo sido os índios escorraçados sem direito a terra. Essa ocupação territorial da ilha permitiu a permanência de alguns índios mesmo que ainda dominados pelos invasores. Ali eram humilhados, mal tratados e ameaçados de morte. Os invasores não permitiam o acesso a terra pelos indígenas que acuados eram proibidos de plantar em roças e celebrar suas crenças. A maioria era obrigada a trabalhar para os invasores pelas condições impostas pela própria natureza, as cheias do rio e/ou a falta de oportunidades de trabalho sempre na mão de grileiros. Lembra a índia Truká Antônia Prosperina que os índios escondiam-se nas vazantes e pequenas ilhas como Camaleão, Berdoégua, Torrão Alto entre outras para plantar suas roças e nelas se refugiavam para realizar os trabalhos ocultos, brincar ou dançar o toré e beber a jurema.

Coube a vovó Ciaca, bisavó dos atuais remanescentes Camixás Trukás, repassar os seus ensinamentos, costumes, ciência e tradições da Aldeia ao seu filho Arcilon Ciriaco da Luz, um índio de coragem, que contra aqueles desmandos levantou-se em defesa da tribo e balançando os maracás (pedir proteção aos encantos de luz, abrir caminhos, pedir forças para a luta; mostrar força e disposição para as conquistas) e entoando canções indígenas, pedia proteção, aos “encantos de luz” para intervirem nos problemas da aldeia.

Sua convicção indígena o fez levantar a primeira bandeira de luta e de documentações dos Trukás. Partiu para o Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, para recuperar a totalidade do território invadido. Regressa na esperança de que o problema seria resolvido e, ocorre que a proposta dos representantes do governo é a de uma divisão territorial da ilha entre índios e brancos – proposta recusada pelo Arcilon.



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

Em seguida uma nova tentativa de recuperação desse território foi realizada, desta feita por Ermenegildo Antônio dos Santos e Pedro Alberto Maciel que seguiram para o Rio de Janeiro retornando sem nenhum sucesso.



Vista Parcial da Tribo Camixá Truká

Elias, índio Truká, da “tribo Mãe” e hoje aldeado na Tribo Camixá Truká, Sobradinho, Bahia, relatou que segundo Augusto Félix: *um dos mais ameaçadores e temidos inimigos dos índios truká era o proprietário do Engenho da Ilha de Assunção, Pereira Dum. Este ao saber das brincadeiras e dança do Toré programadas pelos trukás se preparava para intimidá-los e ameaçá-los.* Elias conclui: *Sendo o índio Augusto Félix (ainda vivo), um de seus empregados e sabendo dos intentos do patrão avisava aos irmãos indígenas que escapavam dos atentados.* Fica claro que essas manifestações culturais, celebrações e qualquer tentativa de encontro entre índios representavam grandes ameaças aos interesses dos posseiros, que temiam a organização da luta pelo direito a terra.

Em fins da década de 60 morre Arcilon, aleijado e cego deixa sua passagem registrada na memória dos remanescentes trukás como um líder exemplar pela persistência e lutas por ele iniciadas e que fundaram os alicerces das futuras conquistas dessa tribo. Arcilon antes de falecer passa a liderança da luta pelos direitos da tribo para as mãos de sua sobrinha D. Bia.

A luta de D. Bia era silenciosa mais cheia de atitudes, mantinha um domínio sobre as tradições, era sábia nos fazeres do cotidiano da aldeia e foi a responsável pelo repasse do conhecimento, do mais simples ao mais complexo, desde a dança do Toré ao preparo da jurema. Foi uma grande educadora. Casada com Antônio Amâncio da Silva conhecido como (Antônio Bingô), este muito respeitado por todos integrantes da tribo, sempre era consultado

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

pelo seu perfil sereno e amadurecido no domínio de suas atitudes, nem sempre tão conciliatórias. Despertava o espírito guerreiro dos demais integrantes da tribo.

No processo de coleta de informações dessa história foi de grande valia, para entendimento dessa problemática, a contribuição do líder indígena e Pajé da Tribo Truká Camixá, Martiliano Antônio da Silva, que juntamente aos líderes indígenas Pedro Antônio da Silva e Paulo Antônio da Silva, fez-nos registrar o seguinte depoimento:



**Casa Típica Camixá Truká**

“Logo após o golpe militar de 1964, chega a Ilha de Assunção a Cia. de Reforma e Colonização – CRC, que se assenta em terras do extinto Engenho de Pereira Dum. Implanta um sistema de parcelamento de uso e ocupação do solo na ilha de Assunção. Constroem dois centros administrativos, escolas, galpões para armazenamento de grãos e conta com maquinário pesado como tratores e caminhões. O sistema de irrigação implantado contava com cinco bombas, esse sistema de distribuição era definido como Bomba 1, 2, 3, 4 e 5. Um barracão foi erguido no centro da sede que vendia os gêneros alimentícios básicos, de primeiras necessidades como opção de compras para os que possuíam lotes”. É importante ressaltar que os trukás não foram beneficiados com toda essa infra-estrutura implantada, muito pelo contrário logo mais às perseguições viriam a ser as mais agressivas da história enfrentadas pela tribo.

Ainda nesse primeiro momento, entre os anos de 64 e 65, alguns índios receberam casa e pequenos lotes para cultivar roças e mais duas cabras, foi aberto financiamento bancário para os que tinham recebido lotes tudo isso aconteceu em clima de festa, com entrega das chaves das casas na presença do governador do estado de Pernambuco, à época Dr. Paulo Guerra.

Certos de que os tempos estavam mudando e os ventos sopravam a seu favor, os trukás, acreditando nesse novo contexto, mas, já endividados com os empréstimos contraídos são

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

vítimas de uma negociação obscura ao se deixarem enganar assinando documentos em branco em troca das liquidações de suas dívidas junto aos bancos credores. A negociação definia que a título de empréstimo seriam disponibilizados seus lotes, para plantio e colheita de uma ou duas safras que amortizariam suas dívidas e que aquela família truká teria a sua moradia preservada. Com essa atitude os trukás dão validade à nova ordem instituída desta vez legalizada. É o repasse dos seus direitos a terra.

A partir daí as ameaças são uma constante na vida dos trukás. O dirigente da CRC Sr. Manoel Esteves, ordenava as perseguições e seus comandados as cumpriam de forma violenta e sempre ameaçadora. Impediam que a comunidade truká tivesse a acessibilidade à água e definiam os possíveis e permitidos acessos impedindo-os do direito de ir e vir.

Acontece que passada as safras os credores não mais devolveram os lotes aos seus verdadeiros donos. Inicia-se um período de grandes perseguições, pois os “novos donos” da terra dessa vez investem na expulsão definitiva dos aldeados, conseguindo através de ameaças a substituição de mão-de-obra indígena por famílias de agricultores empregados que ocuparam as próprias casas dos trukás.



**Índia Truká**



**Vista parcial da Aldeia**

Outro relato importante desse momento foi o do truká Paulo Antônio da Silva que relembra as dificuldades de sobrevivência de sua tribo por terem tido suas roças envenenadas e suas criações ameaçadas e ainda eram impedidos de plantar nas vazantes.

Para atingirem seus intentos os posseiros proíbem o acesso à água, a atividade de agricultura e de criações nos quintais. Invadem o território e instalam aspersores que invadiam todo espaço imediato do entorno das residências. Enfim, eram feitas todas as

tentativas para inibição de uma permanência na área. Os índios se viram obrigados a abandonar, inicialmente, seus lotes e agora as casas, poucos resistiram e permaneceram no local.

Outro depoimento importante é feito pelo índio Truká Pedro Antônio da Silva, que recorda o tempo de sua infância: “vi por diversas vezes minha mãe D. Bia, minhas tias Hermina Gavião, Marina, Adalgisa, meu primo Gabriel, Deodato, líder indígena e Júlio Verísso que para brincar o Toré e manter as tradições da tribo se deslocavam em canoas para as ilhas para não sofrerem represálias: em terra firme era difícil viver, imagine se divertir”. Acrescenta ainda: “quantas vezes vimos minhas irmãs sem poder buscar água no rio para beber, cozinhar, e matar a nossa sede e a dos animais... o branco não nos permitia aproximarmos de suas (nossas) propriedades, estávamos entregues nas mãos de Deus”.

Diante de tantas ameaças e a real falta de emprego e ocupação muitos membros da tribo abandonaram suas terras foi o caso do líder truká Antônio Bingô juntamente com D. Bia e toda família que juntos decidiram partir da ilha de Assunção, Cabrobó, Pernambuco em busca de novas oportunidades de vida. O lugar escolhido foi Juazeiro da Bahia. Era o ano de 1974. Essa escolha por Juazeiro deveu-se a existência de uma irmã do líder Bingô que já residia naquela cidade com outros parentes que já haviam migrado anteriormente.

Como primeiras ocupações toda família foi trabalhar na roça, de meeiros e de tudo se fazia um pouco. Em seguida se fixaram na Fazenda Juazeiro Velho de propriedade do Sr. Paulo Rios Campelo que manda construir a nova moradia da família do líder Bingô. Mais a nova vida não atendia nem satisfazia o líder indígena que sentia muita falta da terra, da herança de seus ancestrais e das celebrações da tribo. Resolve então retornar às suas origens e volta para a Ilha de Assunção, em dezembro de 1976.

Ermenengildo, índio truká, os acolhe temporariamente na sua residência e logo depois foi construída uma nova casa a beira do rio São Francisco que seria ocupada até o assassinato do líder Bingô em novembro de 1981.

Com a chegada das lideranças Bingô e D. Bia à Assunção, renasce a esperança de reverem seus direitos, retomam a luta, promovem reuniões e incentivam a comunidade indígena à organização. Essas ações eram desenvolvidas junto com Deodato, Júlio de Verisso, Joaquim da Muda, Joaquim Gavião, Pedro Alberto Maciel, Antônio Pachola, Pedro Birô todos enfrentantes, decididos e convictos pela luta. Sempre rebemos ajuda da tribo indígena Tumbalalá. Todo esse esforço fez a comunidade passar a ter o apoio, a partir de 1978, do Conselho Indigenista Missionário - CIME, entidade ligada a Arquidiocese de Olinda e Recife,

tendo como Bispo D. Hélder Câmara. É assistida também pela Diocese de Juazeiro, tendo como Bispo D. José Rodrigues, que mensalmente envia missionário para acompanhar as ações desenvolvidas e todos os acontecimentos.

A fragmentação da cultura provocada pelas pressões externas e internas, as brigas entre as famílias tinham diluído a identidade e os costumes da tribo. A tradicional festa da padroeira de Assunção, Nossa Senhora Rainha dos Anjos, há muito não acontecia. A igreja tinha sido destruída pelo tempo e vencida pelo desuso e que muito próxima dos aspersores sofreu com a erosão de sua estrutura de barro batido, sobrando-lhes algumas paredes e tendo sido seu telhado totalmente destruído. Nesse momento, a comunidade com o apoio do CIME resolveu celebrar as comemorações da Padroeira em 15 de agosto de 1980. Foi improvisado um telhado de lona plástica e a imagem de Nossa Senhora Rainha dos Anjos que estava sob a guarda da Sra. Ana Celeiro, retorna a sua casa abrilhantando a festa e emocionando a todos – essa festa marcou uma nova fronteira na história dos trukás que retoma sua disposição de luta aumentando sua auto-estima.

Bingô, Deodato entre outras lideranças viajam para Recife representando a Tribo junto à FUNAI e denunciava aonde chegavam às atrocidades cometidas pelos posseiros. Há uma grande expectativa por parte dos indígenas da retomada de sua terra.

É ainda em 1980 que os trukás ocupam uma grande área com roça comunitária de feijão e milho, destruída pela força das máquinas e da polícia militar. Surge o estopim para o início dos grandes enfrentamentos. Entristecidos pela perda vêem aquela área novamente ser utilizada com o plantio de feijão pela SEMEMPE. No período da colheita, com feijão todo sequinho os trukás colhem parte dessa colheita e se estabelece grande conflito. As lideranças indígenas viajam para reunião na FUNAI, em Recife, e conseguem negociar acordo com a SEMEMPE. Fica definida pequena área para os índios que recebem parte da produção de feijão devastada.

Esses acontecimentos vão tornar as lideranças vulneráveis como pivôs do centro de conflitos. Não tardou para que o maior conflito se estabelecesse entre as partes e que chegasse de fato ao confronto armado.

É nesse contexto que o líder indígena Bingô é assassinado em 2 de novembro de 1981, no cemitério indígena de Assunção pelo também indígena truká e fazendeiro Pedro Gomes de Sá e seus sobrinhos também vitimados pelo fogo cruzado entre as partes. Chacina que abalou a todos e que foi durante semanas matéria de primeira página nos principais jornais do país.

Após todos esses acontecimentos D. Bia, viúva de Bingô, desamparada e perseguida vivendo num clima de alta tensão resolve sair novamente com a família da região dos trukás e retorna a Juazeiro na Bahia, dessa vez sem o marido e líder indígena Bingô.

D. Bia veio a falecer em 16 de janeiro de 1999, longe de sua terra, longe das celebrações trukás. Esses índios deram o exemplo de coragem e persistência aos seus descendentes dando origem aos atuais Camixás, Trukás da Bahia.

Passados 26 anos dessa ocorrência os remanescentes da tribo truká passaram pelas mais diversas privações sem acesso a terra peregrinou pelas mais diversas terras alheias, mas sempre cultivavam a esperança de um dia conseguir reagruparem-se em torno do toré, em torno das celebrações truká.

Esses remanescentes passaram a procurar uma área onde pudessem resgatar sua identidade, suas origens só conseguindo de fato se assentarem em gleba de terra no município de Sobradinho, distando aproximadamente 10 km de sua sede municipal, no dia 29 de janeiro de 2006.

Com coordenadas S: 09 29' 48.9" e W: 40 51' 09.5", o território é dotado de um canal de irrigação, cognominado de Batateira. Este canal encontra-se sub judice. Denúncias feitas na Justiça Federal e no Tribunal de Contas da União, que mandou investigar na Prefeitura de Sobradinho, a aplicação dos recursos destinados à construção do Canal da Batateira que é a única fonte de abastecimento d'água da comunidade, responsável pelas práticas de agricultura de subsistência, abastecimento humano e de animais de criação.

Cognominados de Aldeia Camixá Truká da Bahia, já cadastrados para reconhecimento pela Funai e Funasa essa aldeia mantém e resgata suas tradições e desta feita com laços de consangüinidade com a Tribo Mãe Truká.

Antes da apropriação pelos trukás desse território foi comunicado através de fax enviado para a Funai e outros órgãos federais como Ministério Público Federal da Bahia, que os trukás iriam ocupar a área. Passados 2 meses o órgão da Funai envia um técnico, Marcos Guedes, formalizando a primeira visita técnica daquele órgão.

A segunda visita foi realizada pelo administrador da 3ª AR Recife da Funai, Manoel Barros, juntamente com os representantes do CIMI Nordeste, Roberto e Otto. Com o retorno de Marcos Guedes foi realizada a identificação e reconhecimento da tribo, formalizando a

terceira visita da Funai. Nesse momento em reunião com a prefeitura de Sobradinho, representada pelo chefe de gabinete Josivan, foi informada a existência da tribo Camixá Truká no município.

A quarta visita foi realizada pela coordenadora do Programa Fome Zero da Funai Valdira Barros, junto com os representantes da tribo e prefeitura de Sobradinho onde foi reivindicado melhorias de infra-estrutura básica para a aldeia ao prefeito Sr. Gilberto de Balbino.

Suas práticas de uso dos recursos naturais são imediatamente identificadas pelos ofícios ali empregados no uso e ocupação do solo com o cultivo da mandioca, milho, feijão de corda, macaxeira, melancia, cenoura, coentro, pimentão, batata doce, capim e outros. Parte dessa produção é negociada na feira de Sobradinho.

A prefeitura de Sobradinho instalou um refletor que ilumina a maior área da aldeia e um coletor de lixo. Apesar de contar com o abastecimento de água pelo Canal da Batateira a aldeia não possui sistema de distribuição de água encanada e seu consumo se dá de forma “in natura”. A FUNASA distribuiu filtros e a prefeitura de Sobradinho através da Secretaria de Saúde, Hipoclorito de Sódio, instruindo como deveria ser usado. À beira do canal se toma banho. Não existe sistema de esgotamento sanitário nem mesmo fossas sépticas isoladas ou coletivas e as necessidades são feitas no mato. Há um cuidado e uma consciência em todos para que esses dejetos sejam feitos longe do canal para se evitar contaminações. A Aldeia foi beneficiada em 2006, com energia elétrica pelo Programa Luz pra Todos, instituído pelo governo federal em 2003.

Há uma ocupação espacial bem definida com implantação leste – oeste. As casas estão distribuídas em forma da letra “U” tendo o centro como acesso principal o que privilegia a convivência e convergência dos trukás para o centro. Ali existe uma grande árvore frutífera Umbu, planta característica da região da caatinga, semi-árida. É também nesse local que acontecem as reuniões e os encontros da tribo, principalmente a marcação do cruzeiro com lugar para se acender velas – lugar onde se dança o toré e balançam-se os maracás.

As casas foram construídas em mutirão ratificando o espírito comunitário indígena, com o uso do material do solo, tipicamente de taipa, uso de barro e de ripas de madeira da própria mata de caatinga da região, amarradas com cipós de caroá, após toda armação concluída, prepara-se o material para vedação das paredes com barro massapé, amassados no pé, e vedados com as próprias mãos. A cobertura é feita com a instalação de palhas de coqueiro, amarradas aos caibros com fita de caroá. O piso é de chão batido. As aberturas das portas



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

e janelas promovem um conforto ambiental no interior dessas casas. Os quintais são ocupados com criações de galinhas, ovelhas, porcos e uma bezerra. Existem poucas árvores de grande porte e poucas plantas ornamentais contemplativas foram avistadas, entre elas alguns tipos de crótons (comigo ninguém pode).

Atualmente a aldeia conta com uma população de 96 habitantes distribuídos entre 19 casas. Não existe posto de saúde nem escolas – os adolescentes e adultos estudantes se deslocam até a sede do município de Sobradinho ou ao distrito do Salitre, Juazeiro da Bahia. Existe uma pressão silenciosa da prefeitura de Sobradinho em deslocá-los daquele local, sempre recusada pelos líderes da tribo.

O transporte é realizado por veículo tipo veraneio, com motorista, contratada para condução dos estudantes com recursos da prefeitura de Juazeiro da Bahia. É uma preocupação de todos, principalmente da Cacique Rita, a continuidade dos estudos dos trukás. E relata: *ano passado nossos filhos perderam de ano pela falta de transporte.*



**Plantação de mandioca**



**Casa típica da tribo**

Quanto à questão da segurança, a cacique Rita Prosperina nos revela: nunca houve nenhum ato de violência entre os membros da aldeia, nem nunca fomos molestados pela polícia ou outros quaisquer órgãos de segurança pública. Somos todos parentes, irmãos, filhos de uma mesma origem que é a Tribo Truká. Depois de tantos anos fugindo da violência encontramos esse chão para continuarmos com nossa missão. Somos da Paz.

Sobre os aspectos de comunicação a aldeia conta com telefones celulares de alguns dos seus membros, não existe telefone público nem serviços de correios. As casas possuem televisão. Algumas possuem rádio/gravador e cd e outras ainda possuem DVD e geladeira. Tiveram também a contribuição da Funai que sinalizou com placa informativa e indicativa, às margens da rodovia BA- 210, sobre o acesso principal à aldeia.

Crianças, adolescentes e até adultos brincam de roda. Bolas de gude soltam pipas, jogam capoeira e futebol em campinho próximo às casas.



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

Comemoram-se o aniversário da chegada da aldeia com toré e festa de comes e bebes. A dança do Toré tem vários significados é realizada como ato de fé e nas comemorações. E também para a diversão e alegria da aldeia, para agradecimento à colheita farta, para alguém que está doente. Em alguns momentos são vindos os irmãos de luz.



**Camixá Truká – Dança do Toré**

As vestes, fardas da dança são feitas com caroá. São saias chamadas tangas, cataiobas ou camixá com a parte superior trançada em ponto de macramé mais ou menos 5 cm e soltas em fitas de caroá até um palmo abaixo dos joelhos. Na cabeça se usa os pujás, cocás e penachos feitos, artesanalmente, também de caroá e enfeitados com penas. Nas mãos, os maracás de cabaças e sementes. Usam-se apitos e cachimbos nas manifestações e comemorações. Apesar de suas convicções culturais indígenas os camixás tem suas religiões distribuídas entre evangélicos e católicas.



**Pagé Martiliano Antônio e líder indígena Paulo Antônio**

Os Camixás dão muito valor as suas tradições e têm procurado resgatar suas raízes educando as crianças, incentivando-as cada vez mais com repasses dos conhecimentos recebidos pelos seus ancestrais. Para isso têm mantido fortes laços com a Tribo Mãe e recebem interlocutores que desenvolvem verdadeiro intercâmbio cultural. De forma geral

todas as crianças e adolescentes conhecem e dançam o toré e mantém uma relação respeitosa com os mais idosos da tribo ou sejam a cacique Rita Prosperina, o pagé Martiliano Antônio, Pedro Antônio e Antônia Dias e demais líderes indígenas Paulo Antônio, Isael Firmino, José Joaquim, Elias Salustriano.

Atualmente os Camixás Truká da Bahia aguardam os pronunciamentos da Funai sobre a demarcação dessas terras.

## **21. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE SOBRADINHO - BA**

### **CORRENTEZA PORTO DE JUCEMA SÃO GONÇALO NOVO**

#### **21.1. SENTO SÉ**

Sento Sé dista 689 km de Salvador e é situada às margens do lago do reservatório da UHE Sobradinho, na região do Baixo Médio São Francisco. Localização 09º 44' 45" S 41º 53' 06". De clima semi-árido, sua Vegetação é predominantemente do tipo caatinga.

Fundada em 1832, tem como fronteira os municípios de Campo Formoso, Casa Nova, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Morro do Chapéu, Pilão Arcado, Remanso, Sobradinho, Umburanas e Xique-Xique. Pelo número de cidades vizinhas dão a dimensão da extensão territorial de Sento Sé que possui 12.871 Km<sup>2</sup> e é o 3o. maior município do estado em território, segundo dados da SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

Sento Sé está entre as cinco cidades que tiveram que ser inundadas por causa da construção da Barragem de Sobradinho. A nova Sento Sé erguida em 1976, foi sendo pouco a pouco habitada pelos moradores da antiga sede, que submergiu às águas.

Atualmente, Sento Sé possui cerca de 35.642 habitantes, divididos entre a sede e o interior, segundo dados do IBGE estimados em 01.07.2006.

A economia da cidade de Sento Sé é muito fraca, baseada fortemente na agricultura familiar e na crescente agricultura irrigada para exportação. O povo da cidade de Sento Sé depende mais da prefeitura da cidade. É uma cidade que possui grande número de aposentados. Como fonte de abastecimento de água, sobrevivência e lazer o rio São Francisco é sua maior riqueza.

## **22. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE FUNDO DE PASTO - MUNICÍPIO DE SENTO SÉ - BA**

BREJO DE FORA  
BREJO DE DENTRO  
PIÇARRÃO  
PINTADO  
BARRA CACIMBINHA  
PIRI  
BAZUÁ  
QUIXABA  
TRAIRA  
CAPIADO  
PAES  
ITAPERÁ  
ANDORINHA  
ALDEIA  
LIMOEIRO  
PASCOAL  
RETIRO DE BAIXO  
RETIRO DE CIMA  
CAJUI  
VOLTA DA SERRA  
PONTA D'ÁGUA  
PORÇÕES

### **22.1 XIQUE-XIQUE**

O Município situado na margem direita do Rio São Francisco, Xique-Xique e possui um porto fluvial de grande importância para a economia da região.

Atualmente, investe no turismo ecológico. Seu nome tem origem no cacto Xique-Xique existente na região.

As terras do atual município pertenciam ao município de Pilão Arcado e denominava-se Senhor do Bom Fim de Xique-Xique. Em 1932 foi elevado a município. Está localizado na Região do Vale de São Francisco no Estado da Bahia. Dista da capital é de 596Km, Sua economia gira em torno das atividades agropastoris.

## **23. OCORRÊNCIA DE COMUNIDADE QUILOMBOLA - MUNICÍPIO DE XIQUE- XIQUE - BA**

### **23.1. VICENTE**

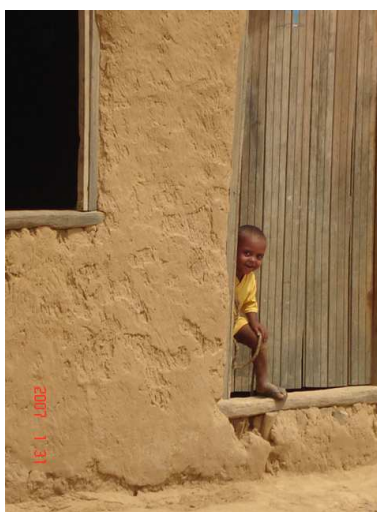
## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

Diferente de tantas outras comunidades a população de Vicente se reconhece como remanescente de quilombolas, segundo a presidente da Associação de Moradores do Povoado Vicente, Bertulina Gomes Ferreira.



### Uso do rio

Há aproximadamente 24 casas e uma população estimada de 200 habitantes. As casas são de taipa (conservam as tradições construtivas da “lama” e usam todos os tipos “de pau” (madeira) até tronco de coqueiro. Erguem suas casas também com o uso do tijolo batido fabricado pelos seus donos (barro extraído da beira do rio e depois de moldados secados à luz do sol) e construídas em processo de mutirão comunitário. Os seus moradores se reconhecem pelos laços de consangüinidade.



### Casual

Consome água in natura do rio, sem tratamento caseiro. O rio é o lugar das atividades de higiene e lazer. Não contam com agente de saúde. Nenhuma casa possui fossa. As necessidades são feitas no mato. Única unidade de ensino é a Escola Municipal José Sandro Martins, que funciona até 4ª Série do ensino fundamental. A rede de distribuição da Coelba é responsável pelo abastecimento de energia elétrica algumas casas possuem TV. Não contam com serviços de telefone público. O sistema de cocção é feito 100% através da

## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO

---

lenha. O acesso à comunidade só acontece através de veículo tracionado e quando o rio está seco. Rio cheio só “embarcado” pois, a comunidade fica ilhada.



**Tipologia de casas**

As relações são intensas com a sede municipal de Xique-Xique e pra lá se vai à feira, semanalmente. Existem três bodegas. Não existe violência nem ocorrência de algum fato trágico que marcasse a comunidade. A ocupação principal é a pesca, desenvolvida por homens e mulheres que cultivam também mandioca, milho, feijão de corda. Nos quintais se cultiva frutíferas e plantas medicinais, criam-se porco, galinha, bode, cabra, boi e vacas.

A base alimentar é a mandioca, o feijão e o milho. Existe uma casa de farinha que se presta a aluguel, paga-se 20% pela produção e a lenha é por conta do dono da mandioca. Produz-se puba, biju, cuscuz, mungunzá ou mingau e a tapioca.



**Uso do rio**

Quanto às celebrações, encontra-se entre as principais a festa de Santo Antônio, padroeiro da comunidade com missa, procissão e à noite roda de samba e samba de veio. Época junina é festejada com direito a fogueira, canjica, milho cozinhado e assado, bolo de mandioca. Festejam de vez em quando a roda de São Gonçalo que é dirigida pelos guias ou enfrentantes.



## INFORMAÇÕES SOBRE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO ENTORNO DO RESERVATÓRIO DE SOBRADINHO



Igreja de Santo Antônio



Uso do rio

Registrou-se como animais ainda encontrados ou avistados que aparecem no lugar o jacaré, cágado, teiú, gato do mato, raposa codorna e cobras cascavel, coral, jararaca. Pega-se peixe como Piranha, mandim, acari, surubim. Artesãos, tecem a rede de pescar e a tarrafa.



Bertulina Ferreira – Líder comunitária



Igreja de Santo Antônio

## 24. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em quase toda a região de influência direta do empreendimento da UHE Sobradinho se encontra resquícios de populações tradicionais sejam pelas formas de apropriação territorial, em sua grande maioria informal, sejam pelas suas formas de viver se relacionando com os recursos naturais.

Há indubitavelmente, uns divisores teóricos, conceituais dessas comunidades que se apresentam bastante tênue e que por isso mesmo muito discutido. O que realmente está como pano de fundo é o acesso à propriedade, a garantia de acesso e direito a terra, a preservação daqueles saberes e seus desdobramentos na conservação da natureza.

Durante as entrevistas presenciamos o sentimento receoso das respostas em relação a questões da terra, da propriedade. Num determinado momento uma senhora da comunidade de Vicente, município de Xique-Xique pergunta: Vocês não vão fazer mal a

gente não, vão? Vão tirar a gente daqui não, vão? É a memória do impacto gerado pelas transformações provocadas pelo empreendimento demarcador de uma história na região.

Quanto a legitimização dessas comunidades e seus direitos podemos concluir que por não terem acesso aos bens de serviços estruturais básicos para formação do cidadão, homem comum, (principalmente educação), a princípio, obrigação do Estado, permanecem a mercê e sob as constantes ameaças das perdas de seus territórios ora, pelos grandes latifundiários, mineradoras, grandes empresas agrícolas, ora por especuladores imobiliários que cada vez mais avançam no alcance de seus intentos sem medir esforços nem conseqüências para obtenção da ampliação de seus domínios territoriais.

As informações obtidas foram de grande valia para a inicialização de um processo investigativo maior, um inventário que realmente pudesse fornecer maiores dados sobre a ocupação territorial e até mesmo, descobrir-se outras comunidades não contidas nem localizadas nesse estudo. Foram percorridos quase 17 mil quilômetros, mas, deixamos de visitar algumas comunidades por dificuldade de acesso.

As fontes dão conta da existência e ocupação ainda por comunidades com perfis que se enquadram nas nossas definições e, parafraseando Little, 2002, “ nesse sentido é fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais indígenas e não-indígenas, pois, sem dúvida, elas são os grandes depositários de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje conhecida pela humanidade”.

Os estudos ainda revelaram que em certas áreas isoladas dos espaços urbanos de significativo desenvolvimento comercial, geralmente Sedes municipais, são possíveis se encontrar práticas culturais ainda primitivas ou tidas como extintas. As comunidades visitadas e selecionadas apresentaram grande foco de legado cultural herdado dos seus antepassados. Muitos destes se revelam nas celebrações, nos ofícios em suas formas de viver associadas às representações artísticas, saberes e fazeres. Nas crenças e superstições no culto aos antepassados e na própria forma do construir suas moradias com o “uso da lama”, pau-a-pique ou tijolo batido secos ao sol, verdadeiros patrimônio edificado.

Porém, há uma série de interferências e fatores que vem desagregando esses referenciais que tem provocado mudanças nas suas pautas culturais como a substituição de antigas atividades econômicas por outras ocupações atuais, fuga para os grandes centros urbanos e ocupações como o fazer cerâmica, cestaria, artefatos de madeira entre outros estão se

perdendo e já não são mais assimilados pelas novas gerações. Os meios de comunicação também tem tido uma influência muito negativa na conservação desses bens patrimoniais intangíveis. Porém comunidades como a de Aldeia, município de Sento Sé ainda consegue reunir centenas de pessoas em torno da festa de Reis, comemorado no mês de janeiro, quando saem às ruas os bichos e a tradicional reverência ao boi.

Ressaltamos dessa forma a necessidade de um aprofundamento das pesquisas na área, no que diz respeito à delimitação das ocorrências deve ter como propósito o início de um processo de identificação dessas comunidades. Tais estudos poderão estabelecer inferências mais amplas sobre o modo de vida desses povos que já ocupam aquele território desde épocas remotas, legitimando-os como seus verdadeiros donos.

## **25. EQUIPE TÉCNICA:**

### **Revisão**

Valéria Vanda Gomes Brasil

### **Coordenação Técnica Geral:**

Álvaro Antônio Moreira da Silva

Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Mestrado em História

### **Levantamento de Campo:**

Naiá Carvalho

Graduação em Geografia / Especialização

Álvaro Antônio Moreira da Silva

### **Mapeamento e Georreferenciamento:**

Valéria Carazzai

Graduação em Engenharia Cartográfica/Mestrado em Cadastro

### **Assistente Técnico:**

Valter Silva

### **Apoio administrativo:** Digitação e Diagramação

Edneide Santana

### **Fotografia:** Álvaro - Naiá - Valter



**Apoio de Campo:**

Antônio Moraes – Motorista

Pedro Vitor – Motorista

Reginaldo Soares – Mestre Barqueiro

João Paulo – Ajudante de manobras do barco

**26. REFERÊNCIAS**

Os dados primários foram levantados junto às comunidades e as sedes municipais das prefeituras dos municípios de Barra, Casa Nova, Itaguaçu da Bahia, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho Xique-Xique;

Dados secundários foram levantados junto aos seguintes órgãos:

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, Governo do estado da Bahia;

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

Relatório de Reconhecimento de Impacto Ambiental da UHE Sobradinho, Chesf, 1987;

Reservatório de Sobradinho, Reassentamento de Populações/Dados e Informações, Chesf, 2001.

**27. BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, WAGNER BERNO DE. Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, FASCÍCULO 2, Fundos de Pasto, Brasília DF, 2006;

ALMEIDA, WAGNER BERNO DE. Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, FASCÍCULO 4, Comunidades dos Pescadores e Pescadores Artesanais do Sub-Médio e Baixo São Francisco Mostrando sua Cara, Vez e Voz, Brasília DF, 2006;

ALMEIDA, WAGNER BERNO DE. Terras Tradicionalmente Ocupadas: Processos de Territorialização, Movimentos Sociais e Uso Comum, Brasília DF, 2006;

BATTISTEL, ARLINDO ITACIR; E CAMANDAROBA, JOANA. Barra um retrato do Brasil, Edições Est, Porto Alegre, 1999;

DIEGUES, ANTONIO CARLOS; E OUTROS. Os Saberes Tradicionais no Brasil, São Paulo, 2000;

GARCIA CANCLINI, NESTOR. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade, 3ª, ed.-São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo, 2000;

LITTLE, PAUL E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade, São Paulo, 2001.

MARQUES, JURACY. Ecologias do São Francisco, Edição Fonte Viva, Paulo Afonso,2006.

**ANEXO**